



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA

Memorial

Narrativas de uma docência em alegrias

Daniela Franco Carvalho

Memorial apresentado à
comissão especial de avaliação
para a promoção à classe Titular,
da carreira docente do Magistério Superior.

Uberlândia

Novembro de 2024

Resumo: Esse memorial – Narrativas de uma docência em alegrias – foi elaborado no formato de três livretos que abordam situações de minha vivência enquanto professora no campo da educação em ciências e biologia na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O primeiro livreto que escrevi é intitulado “Amores acadêmicos” e relato vinte e uma histórias do cotidiano escolar universitário com estudantes, colegas de trabalho e servidores. O segundo livreto é “Mãe cientista” em que apresento uma série de pequenos contos acerca da maternidade e da vida como pesquisadora. No terceiro livreto – Uma vida para uma metodologia – descrevo minha trajetória nos últimos vinte anos no campo da pesquisa científica até o momento atual, no qual tenho estudado as interfaces da ciência e da arte.

memorial; educação; maternidade; metodologia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C331m Carvalho, Daniela Franco, 1974-
2024 Memorial [recurso eletrônico] : narrativas de uma docência em alegrias / Daniela Franco Carvalho. - 2024.

Memorial Descritivo (Promoção para classe E - Professor Titular) -
Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Biologia.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.5217>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Biologia. II. Título.

CDU: 378.124

André Carlos Francisco
Bibliotecário Documentalista - CRB-6/3408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Instituto de Biologia

Av. Pará, 1720 Campus Umuarama - Bairro Umuarama, Uberlândia-MG, CEP 38405-320
Telefone: (34) 3225 8638 - <http://www.portal.ib.ufu.br/> - direcao@inbio.ufu.br e assuntoseducacionais@inbio.ufu.br



ATA

ATA DA COMISSÃO ESPECIAL PARA AVALIAÇÃO DO MEMORIAL DESCRITIVO DA PROFA. DRA. DANIELA FRANCO CARVALHO E DELIBERAÇÃO SOBRE SUA PROMOÇÃO PARA A CLASSE DE PROFESSORA TITULAR DA CARREIRA DE MAGISTÉRIO SUPERIOR DO INSTITUTO DE BIOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

O Conselho do Instituto de Biologia, da Universidade Federal de Uberlândia nomeou esta Comissão Especial de Avaliação, conforme Portaria de Pessoal UFU Nº 5478, de 02 de outubro de 2024, tendo como membros titulares: Profa. Dra. Fernanda Helena Nogueira Ferreira - Universidade Federal de Uberlândia - UFU; Profa. Dra. Magnólia Fernandes Florêncio de Araújo - Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; Prof. Dr. Antônio Carlos Rodrigues de Amorim - Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, sob a presidência da primeira. Esta comissão foi nomeada com a finalidade de avaliar o Memorial Descritivo da Prof.^a Dr.^a Daniela Franco Carvalho e deliberar sobre sua promoção para a Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior do Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, conforme Resolução nº 03/2017 do Conselho Diretor do Instituto de Biologia - UFU. A Comissão tomou prévio conhecimento da Resolução 05/2018 do Conselho Diretor da UFU e do Parecer da Comissão Interna de Avaliação Docente do Instituto de Biologia da UFU, Parecer 11/2022/CADINBIO/DIRINBIO/INBIO, de 11 de novembro de 2022 e da Decisão Administrativa DIRINBIO 28/2024, assinada em 25 de setembro de 2024, referentes ao Processo 23117.051702/2024-25, a qual considerou favorável à promoção da Prof.^a Dr.^a Daniela Franco Carvalho, portanto, que atingiu a pontuação necessária para a promoção da Classe D (Professor Associado Nível IV, Dedicção Exclusiva) para a Classe E (Professor Titular) da carreira de Magistério Superior Público Federal. A apresentação e análise do Memorial Descritivo foram realizadas no dia 19 de novembro de 2024, com início às 14 horas, em formato remoto, com a participação de todos os membros da Comissão Especial, por meio da plataforma RNP (<https://conferenciaweb.rnp.br/sala/daniela-franco-carvalho>). Pelo conjunto dos documentos enviados, pela primorosa apresentação do seu Memorial Descritivo intitulado "Narrativas de uma docência em alegrias" e pelo parecer favorável do relatório de promoção docente, esta Comissão Especial de Avaliação considera a Prof.^a Dr.^a Daniela Franco Carvalho, **Aprovada**, e indica sua promoção imediata da Classe D para a Classe E da carreira de Magistério Superior Público Federal.

Uberlândia, 19 de novembro de 2024.

Profa. Dra. Fernanda Helena Nogueira Ferreira - Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Profa. Dra. Magnólia Fernandes Florêncio de Araújo - Universidade Federal do Rio



Documento assinado eletronicamente por **Antonio Carlos Rodrigues de Amorim, Usuário Externo**, em 19/11/2024, às 16:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leandro Belinaso Guimarães, Usuário Externo**, em 19/11/2024, às 16:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Helena Nogueira Ferreira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 20/11/2024, às 09:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Magnolia Fernandes Florêncio de Araújo, Usuário Externo**, em 20/11/2024, às 15:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5885792** e o código CRC **1B190A05**.



AMORES ACADÊMICOS

Daniela Franco Carvalho

amores acadêmicos

Daniela Franco Carvalho

Ilustrações: Sarah de Assis Andrade



À minha mãe, Jaine.
Ao meu pai, Marcio.



Sumário

Escritos de amores ♥ 1

Estrela ♥ 2

Micromanipulador ♥ 4

Carrinhos ♥ 6

Bonito ♥ 8

Fora da caixa ♥ 11

Ana ♥ 13

Placa ♥ 15

Purpurinas ♥ 17

Intercâmbio ♥ 18

Lu ♥ 20

Esmalte ♥ 23

Very fast ♥ 25

Gargalhada ♥ 27

Transparência ♥ 29

Biodança ♥ 32

Esperança ♥ 34

Liberdade ♥ 37

Terra ♥ 39

Brecha ♥ 41

Saudade ♥ 42

Escondidinho ♥ 43

Polifonia ♥ 44

Reverberações ♥ 49

Amplia ♥ 51



Escritos de amores

Venho colecionando histórias e sensibilidades no cotidiano universitário.

Talvez por gostar tanto de museus vejo cada momento como possibilidades de guardar memórias.

Não sei desde quando comecei a registrar o que escuto, converso, penso e o que me toca no meio a carteiras, corredores, chamadas de vídeo e mensagens de texto.

Escritos de amores.

Amores produzidos no dia a dia da docência, na orientação de trabalhos de pesquisa, nas amizades com professoras e professores que dividem comigo as angústias da formação de jovens, nos detalhes da dinâmica das salas de aula e naquilo que se dá a partir do encontro com o outro.

Os nomes que permeiam as páginas desse livro não são fictícios. Habitam corpos e vidas tangenciadas pela minha. Pessoas queridas que sabem que estão aqui.

Cada crônica aconteceu em um tempo que trago para cá sem noção exata da cronologia. Lembranças narradas que se alinhavam em uma malha de eventos produzindo amores acadêmicos no infinito das palavras.

Estrela

Num poema, ele me falou que quando morresse iria viajar pelo Éden do universo, andar descalço entre as estrelas e colher flores em qualquer constelação.

Toda vez que ia para Goiânia, nos encontrávamos. Sempre cordial, animado com os afazeres universitários, com o planetário que era tudo para ele e que hoje leva seu nome.

Ele me dizia sobre as alegrias de estar com os estudantes, sentado ao meu lado, numa poltrona na sala de projeções. Apagava as luzes e na cúpula, ao alto, víamos a Via Láctea, estrelas e planetas.

Uma vez ele me disse que achava a docência algo similar à dinâmica do universo.

Como assim?

Sim, tende ao indefinido, com inúmeros ciclos infinitos.

Conversamos sobre o quanto, muitas vezes, achamos possível prever uma aula por meio de planejamentos e desejos de que venhamos a encontrar a curiosidade e a atenção dos alunos. E nada disso acontece. E nos frustramos. E ao pensar uma aula futura repetimos o mesmo ciclo de projetar no outro possibilidades de realizar algo que está no nosso imaginário. E nos frustramos novamente. Ou não. Às vezes ocorre como esperamos e, em outras, não.

E como você, sendo tão querido e com tantos anos como professor, lida com isso? Não se frustra?

Claro. Se seguirmos nesses ciclos, a frustração nos acompanha. Com o passar dos anos fui entendendo a impermanência em tudo. E em mim mesmo. Sabe algo bom de envelhecer? Dar menos trela para um monte de coisa. Deixar de se importar com o que não faz muito sentido. Fui vendo isso. Ficando mais tranquilo se algo saísse do planejado. Entendendo a vida como aquilo que acontece. E passei a ir para a sala de aula, para as reuniões de departamento, para as tarefas na universidade como quem vai para uma sessão de cinema. Sem saber o que me espera. Em inesgotáveis possibilidades.

Lembro do meu encantamento, há muitos anos atrás, com essa conversa. Para mim suas palavras ecoaram como brisa de alento.

Passamos a nos falar semanalmente, trocar poesias via mensagens e desenvolvemos uma amizade circulante pelos temas do ensino e da ciência.

Por telefonema ele me disse que iria viajar para uma banca, se poderíamos nos encontrar. Naquela semana estava muito atribulada, cheia de compromissos. Saindo de uma aula encontrei

o Juan no meio do corredor da faculdade. Nos abraçamos e ele me acompanhou no trajeto até a saída do prédio. Não consegui tempo para um almoço, nem um café. Mas combinamos, sorrindo, que em breve iríamos nos reencontrar.

Na outra semana ele adoeceu e foi se juntar às estrelas cadentes.

A morte não somente me trouxe a saudade imensa que sinto todas as semanas, mas essa dimensão do tempo. Da imprevisibilidade da vida. Depois de ter sido impactada pela minha ausência em um encontro possível, pois poderia ter desmarcado compromissos, adiado reuniões, remanejado a agenda para estar com ele, passei a ver os convites e a força dos encontros de outra maneira. Faço questão de estar. Priorizo as pessoas.

Meu amigo, que você esteja sentindo com seus dedos dos pés a poeira cósmica que habita todos nós.

E que o meu sorriso te encontre por entre as nebulosas.



Micromanipulador

Ela entrou na minha sala aos prantos. Muito decepcionada e entristecida. Nem conseguia formular as frases de forma compreensível. Aos poucos fui tentando entender, ofereci água, uma cadeira.

Em meio a um soluço e outro me contou que era um verdadeiro desastre no laboratório onde fazia estágio, que ela não dava para aquilo, que queria sumir.

Mas me conta... o que aconteceu?

Eu queimei tudo, professora. Tudo.

Tudo o quê?

Tudo!

Todas as plantas que coletei na saída de campo. Todas. Coloquei para desidratar mas errei a temperatura. Ao invés de secar elas queimaram. Estraguei tudo e quase coloquei fogo na estufa. O trabalho de dias. Sou muito desajeitada. Torrou tudo. Ficaram só as cinzas.

E chorava ainda mais.

Como não sabia como acalmá-la disse que era realmente muito ruim passar por aquilo e que eu, também na idade dela, me senti muitas vezes assim. Perguntei se poderia contar algo que aconteceu comigo para ela ver que daqui a alguns anos poderia rir da situação trágica.

Acenou com a cabeça limpando as lágrimas.

Contei que quando terminei o colégio técnico fiz estágio em um laboratório de microbiologia e fui direcionada a trabalhar na área de fungos patogênicos, que estavam sendo estudados pelo potencial de causar câncer de diferentes tipos. Ao chegar nesse setor, fui apresentada a uma pesquisadora doutora que usava jaleco, gorro, luvas e óculos. Ela me disse que era muito ocupada e que eu ficaria encarregada de fazer uns desenhos dos fungos pela câmara clara do microscópio. Explicou e me mostrou um tubo espelhado acoplado ao microscópio que projetava a imagem num papel e facilitava a reprodução do que estava sendo observado. Ficou combinado que no outro dia cedo eu faria a ilustração por esse mecanismo de uns cinquenta tipos diferentes de fungos que estariam sobre a bancada. Quando cheguei pela manhã, abri a sala e me deparei com um recado fixado no tubo da câmara clara:

Cuidado! Micromani-
pulador

Já dei um passo para trás.

Fiquei pensando que fungo seria aquele... gênero: *Micromani*... espécie: *pulador*.

Imaginei um fungo que poderia saltar e grudar na minha pele e causar câncer. E se eu inalasse?
E se fosse nos meus olhos?

Achei por bem aguardar a pesquisadora do lado de fora.

No meio da manhã ela chegou apressada e foi me perguntando o que eu fazia ali parada.
Expliquei meu receio.

Só vi seus olhos revirarem em desaprovação.

O gênero e a espécie que acreditei ser o fungo era uma ilusão de ótica linguístico-científica.

Era para eu ter lido:

Cuidado!

Micromanipulador

E não *Micromani pulador...*

Era para que eu tivesse cuidado com uma haste delicada específica para o desenho microscópico que nem cheguei a usar. Fui transferida antes mesmo de começar.

Olhei para a aluna e não resistimos.

Rimos juntas.

Semanas depois ela me procurou novamente, toda arrumada, animada, de cabelo amarrado com presilhas para dizer que havia desistido do estágio e que gostaria de fazer uma pesquisa comigo.

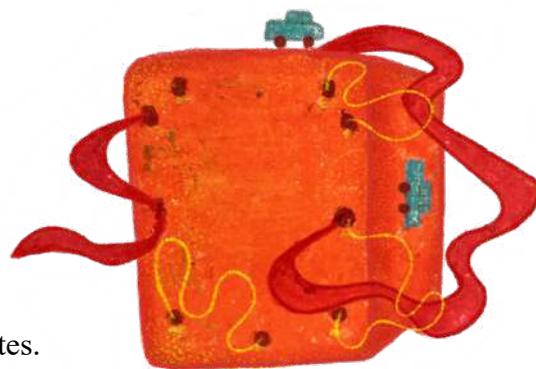
E fez.

E da pesquisa vieram mais risadas, amizade, confidências, alegrias e um carinho gigantesco.

Ana Luiza, me faça junto a você!



Carrinhos



Anos atrás sentia um distanciamento dos meus estudantes.

Mesmo sendo uma professora dedicada, atenta e responsável, notava um abismo entre mim e cada um deles. Não sabia nada sobre quem dividia comigo a sala de aula.

Essa angústia se juntava a processos de ebulição com leituras que me faziam pensar que eu tinha que me mobilizar a produzir algo que nos levasse a compartilhar o que sentíamos, o que percebíamos do mundo, da vida, de nós mesmos.

Nessa época fui em busca de diversas experiências na tentativa de encontrar maneiras de construir uma ponte sobre o precipício docente no qual me encontrava. E assim me engajei em campanhas pela melhoria da qualidade do ensino público, iniciei na prática meditativa do budismo tibetano, passei a fazer curso de dança, comecei a escrever microcontos feministas e decidi aprender a tocar pandeiro.

E numa das aulas de percussão fui apresentada a um instrumento de origem peruana: o cajón. Quando experimentei, a vibração da caixa reverberou em mim com uma intensidade que me tocou profundamente. Parecia que estava mais próxima do que vinha buscando. Queria aquilo. Algo que ecoasse com força em cada um de nós.

Pensei em uma estratégia na qual cada estudante pudesse contar uma história de si a ser escutada por todos em respeito mútuo. Chamei de cajón a esse movimento-convite. Propus que cada um escolhesse um objeto e que contasse a partir dele uma memória. Um compartilhamento de emoções na intencionalidade de nos vermos com menos julgamentos. Em alteridades.

Fui fazendo essas proposições semestralmente e colecionando sensibilidades.

Relatos únicos.

Narrativas singulares de vidas.

E numa tarde chuvosa experienciei o momento mais lindo de todo meu percurso na docência. Estávamos sentados em semicírculo e muitos estudantes já haviam contado suas histórias. Perguntei se alguém mais gostaria de compartilhar conosco. Timidamente, o Diego se mostrou disposto. Abaixou os olhos e focou em um carrinho de metal. Ficou uns minutos tocando a miniatura com as pontas dos dedos. Depois levantou a cabeça e contou emocionado que havia ganhado aquele brinquedo da sua mãe, logo após ela ter se recuperado de um episódio traumático. Era um presente que materializava a importância do filho e ao mesmo tempo um compromisso de que toda vez que pensasse em colocar sua vida em risco novamente, ela compraria um carrinho para ele.

Ouvimos que ele tinha uma coleção.

Sentimos a garganta apertar.

O silêncio tomou conta de nossos olhos.

Um aluno me pediu licença, se levantou e foi abraçar o colega. Num impulso, cada um foi se levantando e abraçando o Diego e cada um foi sendo abraçado por todos nós.

A sala em abraço coletivo.

A força dessa vibração foi extraordinária.

Ali eu me senti uma professora privilegiada.

Ali eu soube que há afetos moventes no meio universitário.

Ali construímos laços invisíveis de ternura.

Bonito

Teve uma época em que eu me envolvi na seção sindical. Ajudava a organizar festas, encontros, reuniões, manifestações, ações de mobilização, greves, atividades artísticas e culturais. Um dia me chamaram para uma conversa sobre a possibilidade de produzirmos um show comemorativo aos quarenta anos da associação docente.

Logo já fui sugerindo que tinha que ser algo grande, marcante, envolvente que trouxesse a dimensão do quanto valorizamos a educação pública.

Sim, sim.

Um mega evento.

Gratuito.

Para quem quiser ir.

Então vamos.

Vamos.

E fomos pensando nomes, lugares, verba, logística, apoios e a quantidade de trabalho que estaria sendo canalizado para esse feito.

Distribuímos tarefas e fizemos a ideia ir ganhando corpo.

Que pena, o orçamento não vai dar. Ele não tem agenda, vamos ter que encontrar outro nome. Sugiram. Quem? Quanto tem de recurso? O que? Tudo isso? Nessa data não vai dar. Vai ter barraquinha? Quantas pessoas cabem lá? Oi? Ahhh ligou? O produtor dela? Vai topar? Mesmo? Que tudo! E o palco? Cabe? Quem vai fechar? Vamos colocar uma tenda? E se chover? Nessa época não chove. Quando?

31 de maio.

Num piscar de olhos já era o dia tão esperado.

Lembro de sair cedo de casa para estar junto da equipe da organização, com camiseta, calça confortável, sapato baixo e um lenço vermelho amarrado na cintura. Um look simples, mas estava me sentindo radiante.

Fazendo exatamente o que tinha me proposto a fazer.

Contribuindo em fazer da universidade um lugar de festa acadêmica.

E estar junto a uma artista que adoro era motivo de entusiasmo.

Tirei fotos no camarim. Ajustei alguns detalhes no palco. Fui acudir um vendedor de cachorro quente cujo carrinho teve uma pane. E me misturei na plateia às quase cinco mil pessoas que foram celebrar conosco.

Nunca sabemos o que vai acontecer no segundo seguinte.

E ali, no meio dessa multidão, o vi.

Já havíamos nos encontrado outras vezes, num boteco, na doceria.

Sorri.

Sorriu de volta.

Fiquei próxima a um amigo querido e quando vi estava ao meu lado.

Em aproximações do meu ouvido, por conta do som alto, me disse que foi por acaso. Que soube de última hora do show por um conhecido.

Ahhh tá.

Gosta de um samba?

Amo! Aquele dia te falei que fazia aula de pandeiro.

Eu lembro, eu toco.

É? Ahhh tá bom.

Duvida?

Vamos ver quem fica mais tempo batucando com as mãos.

Eu faço nas suas costas e você na minha.

Fechado.

Ao som de “pé do meu samba” ele ficou firme até o final da música.

Não consegui acompanhar.

Nesse instante me lembrei de ter dito uma vez que gostaria de namorar um sambista. Alguém que entendesse o que é dançar e cantar em liberdade. E que quisesse isso também.

Ficamos próximos durante todo o espetáculo.

Tudo lindo.

Dei carona para ele, o filho e uma colega. O bar estava fechado e queriam ir a outro lugar. E eu para casa.

Vai não. Fica.

Não dá.

E quando te vejo de novo?

Pode ser amanhã. Vai ter a abertura de uma exposição no museu que trabalho. Vai lá.

Que horas?

As cinco.

Tá bom. Combinado.

No outro dia, pontualmente as 17 horas, ele entrou na minha vida.

Um moço bonito.



Um fotógrafo que registra singularidades do que vê. Que me envolve nas dimensões do amor em desafios diários de se estar com o outro em busca de nos tornarmos melhores.

Temos vivido a experiência de compartilhar planos, desejos, tristezas, dores, alegrias e muito aprendizado sobre o que é ser dois.

Um entendimento do que a gente quer da gente.

Em oportunidade de curas de processos internos que só se dão na vivência com o outro, na experiência de ser exatamente quem se é no convívio cotidiano.

Um tempo de construção em escuta, paciência, compreensão e novos começos.

Menino bonito, menino bonito... que meu amor te envolva, sempre.

Fora da caixa



Como fazia todos os semestres, apresentei a proposta da disciplina e convidei-os a estar comigo na produção criativa de atividades a partir da leitura de textos científicos. Disse que a ideia não era apresentar um seminário, mas algo diferente. Inusitado. Caleidoscópico.

Lá do fundo um rapaz levantou a mão e me perguntou: pra que isso?

Por que?

Sim, professora. Por que fazer diferente do que já dá certo?

Respondi que entendia que eles já tinham muitas oportunidades com o formato tradicional e que gostaria que eles saíssem da caixinha, que se desafiassem a fazer de outra maneira e que não fosse vinculado somente a uma explicação do que leram no powerpoint.

Meio a contragosto consentiu com a cabeça como se tive compreendido.

Os dias foram passando e a cada aula ele me questionava em algum ponto. Sempre se posicionava de forma enfática contrário a algum pensamento ou contexto do que abordava.

Na preparação para as apresentações ele me disse que gostaria de me mostrar o que tinha feito com o grupo. Abriu o computador e apareceu exatamente o que tínhamos combinado que não era para ser.

Num impulso disse que não iria nem continuar vendo, uma vez que a proposta não era aquela. Ficou um climão.

Raramente me posiciono de forma a não acolher o que os estudantes reivindicam ou me trazem como sugestão, mas aquela situação me impedia de ser flexível. Era condição sine qua non para a formação deles: a ousadia.

Thalys me disse então que não iria fazer. Concordei que era uma opção dele, mas que avaliasse, pois via que tinha muito potencial a ser explorado. Conversei com o grupo articulando possibilidades de estruturarem uma proposta que se relacionasse aos conteúdos estudados e que fosse genial.

No final da aula, estava organizando minhas coisas para sair e ele me pediu um minuto para conversarmos. Sua pergunta foi direta: por que você insiste da gente pensar fora da caixa?

Porque numa situação em que o que é convencional não der certo, vocês precisarão criar. E para criar a gente tem que ser desafiado. E quero que vocês tenham esse espaço aqui.

Contei que o que eu propunha não era só da minha cabeça, que tinha pesquisa, muita leitura e uma trajetória acadêmica que me permitiu idealizar aquela proposta.

Disse que entendia como ele se sentia pois é sempre doloroso deparar-se com a necessidade da mudança. E que ficaria na torcida para que fizessem algo inesquecível.

No dia da apresentação o grupo produziu um vídeo em que o Thalys estava vestido como o Jason Voorhees do filme Sexta feira 13. Iniciava com ele subindo degraus da escada com um facão em uma das mãos, seguido de um close nos passos e depois na máscara, em direção a um consultório terapêutico. Deitado no sofá recebia conselhos. A outra tomada mostrava uma moça andando na calçada e Jason segurando seu ombro. Quando ela virou, recebeu um maço de flores e passaram a caminhar juntos.

Foi formidável!

Fiquei muito contente com o que fizeram, mas ao mesmo tempo estava apreensiva pois o Thalys não estava presente. Quando ia começar a comentar sobre a produção, bateram na porta da sala. Alguém abriu e ele entrou, caracterizado com o personagem, com uma cesta de flores nos braços. Distribuiu a cada um de nós.

Todos ficaram enternecidos com a cena.

É isso que a docência produz em mim: cambalhotas.

Achei de uma beleza infinita.

No outro semestre ele virou meu monitor.

Passamos a partilhar o tempo, as percepções de mundo e a construir um respeito crescente um pelo outro.

A cada encontro ele comentava algo sobre como estava em processos de transformação.

Um dia me escreveu que finalmente havia entendido do que se tratava uma das aulas, desmitificando a intocabilidade da ciência ao mostrar que ela pode ser questionada.

Quase explodi de emoção.

Dali pra frente foram trocas constantes de elogios e muita admiração.

Construímos pontes de afeto.

Para os semestres que vieram eu fiz um material didático sobre a proposta da roda de leitura e dediquei ao Thalys, por toda compreensão e por ter me ajudado a ser a professora que tenho me tornado.

Ana



Em meio a um carro de som, panfletos e adesivos do sindicato docente da universidade fui apresentada à Ana.

Seu sorriso mostrou que havia encontrado uma professora, de uma área distinta da minha, em conexão com tudo que me move na vida.

Esse encontro projetou luz para os meus dias de melancolia acadêmica.

Temos umas 46.800 horas de convívio e nesse tempo conversamos sobre o amor.

Falamos que a nossa caminhada é amorosa.

Entendemos conjuntamente que quando há disponibilidade, há infinitas possibilidades criativas em prol do amor, em seus múltiplos formatos.

E nesses diálogos sobre o que vivemos, elencamos frases que já habitaram post-its.

Slogans em neon para revisitarmos em caso de desconfiança sobre nosso trajeto.

Tutorial de autoajuda autêntico produzido na efemeridade do momento de escuta a cada uma de nós.

Nos vemos gigantes sempre que conseguimos enxergar o sofrimento como possibilidade de transformação.

Estamos sendo estilingues de nós mesmas na geração de oportunidades.

Somos um laboratório das produções amorosas na prática cotidiana.

Precisamos de coisas fáceis e alegres para ter forças para aquelas que realmente são difíceis.

O amor é o que faz com que sejamos melhores.

A gente imprime muito sentido na vida de tanta gente.

O amor enquanto ação-força está nos salvando da barbárie.

Que possamos ver beleza, sensibilidade e amorosidade em meio à crueldade.

Sempre há um amor que a gente não tangenciou ainda.

Há um universo de possibilidades que não estão no nosso controle.

O amor é respeito profundo pelo que o outro é.

Nunca temos clareza das aparências trêmulas da ausência do amor.

Imagine a quantidade de desencontros, meias-amizades e decepções que são necessárias para nos colocar na vida exatamente onde devemos estar.

O amor nunca é só o que nos apresenta.

O importante é a presença amorosa de quem, de fato, nos faz bem.

O quanto de amor há nesse processo de propiciar, mesmo com tanto sofrimento, o crescimento do outro, e o nosso ao mesmo tempo.

A compreensão do outro só é possível num campo de afeto.

Queremos inícios contínuos.

Não há relação que não seja complexa.

O amor infinito é aberto à vida.

Que não haja nada prescritivo, só compreensão do movimento, das nossas impossibilidades e potências.

O amor é esse clarão mesmo, que nos ofusca no desejo de estar, de permanência.

Às vezes sentimos uma paz triste.

Será que estamos todos em projetos solitários?

Cuidar da gente, das nossas feridas, é fundamental para edificar o amor.

Somente a compreensão profunda de si e do que envolve estar com o outro nos lança nesse movimento do amor, do envolvimento, da construção coletiva.

Só somos porque temos pessoas incríveis caminhando conosco.

Que possamos seguir cada dia mais conscientes de que não podemos mudar para além de nós mesmas.

Estamos tendo uma vida de tentativas.

Há um poder absoluto na amizade, esse ancoradouro.

Que sigamos envoltas em esperança amorosamente construída.

Ana, amiga mais linda que há, que possamos ficar bem velhinhas e ainda nos abraçar com essas percepções sensíveis do mundo.

Placa

Comecei a propor intervenções urbanas na praça principal do centro da cidade. Um movimento para que os estudantes tivessem contato com as pessoas do povo, não-cientistas, trabalhadores, moradores de rua, transeuntes de todos os lugares, com pressa, ou à toa por lá.

Conversas sobre temas do cotidiano em aproximações de linguagem, de empatia, de produção de sentidos outros.

Já teve brigadeiros com confeitos coloridos e recadinhos de um dia feliz, mudas de planta com informações sobre a floresta, distribuição de abraços, mesa de escuta de histórias, cartinhas com frases motivadoras, corações de tecido pendurados nas árvores, caixa de sentimentos, performances sobre o corpo da mulher, distribuição de rosas de papel, varal de poesias, lambe-lambes, dobraduras, cartões de agradecimento e dezenas de outras propostas em belezuras.

Naquele semestre me procurei para dizer que gostaria de fazer uma ação sobre si mesmo. Do que já havia escutado da própria família, e do mundo, quando contou que era gay. Das palavras que ecoavam nele durante tanto tempo e que talvez fizessem sentido para outras pessoas também.

Ele foi vestido todo de preto, com faixas coloridas no rosto que remetem à bandeira LGBTQIAP+ e uma placa envolta no pescoço tal qual aquelas de propaganda de lojas de departamento ou de lugares que vendem ouro.

Na placa, os dizeres que escutou:

A N O R M A L

MELHOR MORTO QUE GAY

D E S P E R D Í C I O

P R E C I S A D E C U R A

V A G A B U N D O

P R O M Í S C U O

U M A A B O M I N A Ç Ã O

P E C A D O R

F A L T A D E P O R R A D A

N Ã O É D E D E U S

D O E N T E

Caminhou pela praça, ficou no ponto de ônibus, e num momento o vi conversando com um senhor. O homem ficou horrorizado com a história. Perguntou se poderia abraçá-lo. Com

lágrimas nos olhos foi chamar outros dois colegas que estavam num banco. Contou o que o Bruno estava fazendo. Os outros dois igualmente se solidarizam e um deles disse que o estudante era muito maior que aquilo, que essas pessoas não estavam sabendo o que estavam fazendo, que a vida é muito breve para ficar preso na opinião de quem não reconhece o outro pelo que ele realmente é.

Deram conselhos. Desejaram o melhor.

Fiquei muito comovida com a generosidade daqueles desconhecidos.

Há amor nas ruas e onde menos esperamos.

No final, tirou a placa e passou tinta das cores que estavam na sua face sobre todas as palavras.

Camadas e camadas até não mais ser possível enxergar o que estava escrito.

Uma comoção tomou conta de todos nós.

Em comunhão e entendimento exato do que aquela iniciativa significava para ele e para todas e todos que já sentiram na pele a violência que a homotransfobia imprime.





Purpurinas

Teve um período em que duvidei da minha capacidade de resistir às duras reuniões com colegas do instituto no qual trabalho. Inúmeras vezes fui tomada pela sensação de desmaio, tão forte eram as sensações desencadeadas pela adrenalina mediante falas ou comportamentos de alguns. Um ambiente emocionalmente insalubre.

Muitos desentendimentos, disputas, conchavos e raiva circulante.

Ao mesmo tempo é nesse mesmo lugar que faço o que sei fazer de melhor, que me dedico em entregas diárias aos afazeres da pesquisa e que contribuo responsabilmente com a formação de tanta gente.

Muito cedo na carreira universitária compreendi que precisava encontrar brechas, respiros e fagulhas de cordialidade que me resgatassem desse oceano de desamor.

E foi com elas que experimentei o cuidado.

A presença de cada uma no cotidiano da vida acadêmica é clarabóia. Fresta de luz em meio à fumaça densa das desavenças.

Fer Fer, Lucia e Renata.

Purpurinas aos meus olhos.

Brilho reluzente que me ajuda na travessia.

Capas voadoras de afeto.

Amizade para além das atas, documentos e relatórios.

Companheiras de projetos que trazem alegrias, da organização de eventos em gentilezas e das importâncias invisíveis que transformam vidas.

Nem sempre pensamos na mesma direção.

Nem sempre concordamos umas com as outras.

Nem sempre queremos o mesmo.

Nem sempre estamos juntas.

Mas nos dispomos à escuta e à compreensão.

E sabemos do carinho movente que nos atravessa e nos une em torno do que é fundamental.

Intercâmbio



Meses depois de ter sido efetivada pelo concurso público me dispus a coordenar o curso de graduação. Tudo muito intenso para alguém tão jovem. Fui fazendo tal qual os grupos de ajuda coletiva: um dia por vez.

Gostava de escutar as reclamações, atender professores, pensar soluções em conjunto com os estudantes e servidores, de planejar melhorias.

Era uma época em que tínhamos mais recursos financeiros, oportunidades de bolsa de estudos e uma perspectiva de crescimento e valorização da educação.

Foi nesse contexto que passei a estimular os anos a realizarem investidas aos editais de intercâmbio entre outras universidades federais e no exterior.

Um período de muita troca de informação entre cursos, conversas com setores pedagógicos de outras faculdades e acordos internacionais para ajustes de currículos.

Numa tarde recebi um telefonema.

Uma senhora que tinha tido informações sobre essa possibilidade de intercâmbio e que desejava que o filho pudesse usufruir.

Explicou que ele estava em Ouro Preto, mas que passava por um tratamento psiquiátrico e que estava usando remédios antidepressivos. Como ela residia em Araxá, gostaria de uma oportunidade de estar mais perto dele.

Fiz de tudo para viabilizar a vinda desse rapaz.

Conversei com os reitores, assinei dezenas de documentos, pedi insistentemente a validação de planos de disciplinas e corri contra o relógio para dar tempo de enviar o que era necessário.

Semanas depois foi autorizada a sua permanência conosco por seis meses.

Chegou com a mãe e foram conversar comigo.

Certamente perceberam a minha alegria em poder contribuir.

No intuito de inseri-lo socialmente apresentei-o ao diretório acadêmico, à associação atlética do curso, aos participantes da empresa júnior e a todo mundo que conhecia.

Todos os dias passava para me dizer como estava se sentindo, o que tinha feito e me dar um abraço.

Sua mãe me telefonava com certa frequência e enviava uns mimos no formato de docinhos, biscoitos e café.

Semana após semana fui percebendo mais sorrisos em seu rosto, um semblante mais tranquilo e uma vontade de transferir a vaga.



Parecia que aquilo que imaginei estava se materializando.
Que o acolhimento produzido por nós estava sendo terreno fértil na saúde mental.
Eu estava empolgada e ficava à espera de novidades diárias.
Às vezes ele sumia por uns dias, voltava, me procurava, dizia que estava melhorando.
Um dia eu estava em reunião com diversas pessoas quando apareceu na porta da sala. Vi que estava agitado. Suando. Pedi licença e fui falar com ele. Solicitei que esperasse um pouquinho que já iria terminar.
Ele sentava e levantava diversas vezes da cadeira que estava no corredor.
Olhava para mim com os olhos arregalados.
Ia para fora do prédio, voltava.
Cruzava os braços, apertava as mãos.
Antecipamos o término da reunião e ele entrou feito um cometa. Me abraçou e saiu correndo.
Corri atrás dele, mas não tive pernas para acompanhá-lo.
Fiquei muito perturbada, nervosa.
Liguei para a mãe e informei o ocorrido. Ela me tranquilizou, disse que ele tinha mudado a medicação, mas que estava voltando para casa, que seria atendido pela equipe médica e que tudo ia ficar bem.
Não consegui fazer mais nada naquela tarde.
Não dormi à noite.
Meus pensamentos somente estavam com ele.
No dia seguinte cedo liguei centenas de vezes para a mãe. Não atendia. Não retornava.
Entrei em pânico.
Esperava o pior.
Uma tristeza dilacerante invadiu meu peito.
Eu me senti culpada.
Ficava imaginando se eu o tivesse atendido de imediato, se eu tivesse telefonado antes, se eu o tivesse levado ao hospital, se... se... se...
Durante anos me martirizei por não ter percebido o movimento, por não ter conseguido impedi-lo, por ter sido insuficiente.
Somente compreendi a complexidade do transtorno mental quando assisti palestras e depoimentos numa campanha do setembro amarelo.
Ainda hoje tem dias que me pego melancólica pela impotência diante do sofrimento psíquico do outro.

Lu

Em alguns eventos da universidade eu o via de longe, distribuindo abraços e sorrisos em meio a uma gentileza glamourosa de quem se importa com os outros. Parecia que ao seu redor havia aqueles efeitos de explosão luminosa faiscante de alguns filtros de redes sociais. Um ar de festa. Quem é?

O Lu.

Professor da arquitetura, do design.

Diretor de cultura.

Ahhhh. Levantei provavelmente as sobrancelhas em desejos de que um dia, quem sabe, pudesse me encontrar ali, com ele.

Teve um ano que lançaram uma chamada para um bloquinho de carnaval que iria se reunir em um dos campi. Lá fui eu toda empolgada com meia arrastão, tiara com penduricalhos coloridos e um leque vermelho. Tinha uma meia dúzia de participantes, nenhum músico e uma desilusão no olhar de quem foi. Mas, de repente, eu o vi. Perguntou se eu tinha vindo para a marchinha, mesmo me vendo toda paramentada na fantasia. Lembro de ter respondido com uma risadinha porque achei aquela situação cômica. E foi desse jeito que nos apresentamos, rapidamente, antes da desistência de esperar que alguma folia acontecesse naquele marasmo.

Uma outra vez o encontrei numa festa, na qual ele era o DJ. Achei incrível a ideia de colocar uma seleção de músicas, descer no meio da galera para dançar e voltar para os toca-discos. Numa dessas vezes que ele foi para a pista, dançamos juntos com as mãos para cima, dando piruetas e balançando a cabeça. Música boa e a companhia encantadora.

Adorei.

Disse que queria mais daquilo. Que dançar com ele era um oásis em meio aos dramas cotidianos. Pois então vá aos bailinhos radiofônicos, me disse. Passei a ir. Eram encontros de professores da universidade, gente que curte vinil, conversas elaboradas e umas coreografias sem julgamento. Acontecia uma vez por mês. Numa dessas, descemos até o chão ao som de um funk pop rock. E subimos de volta sem ajuda. E nos divertimos.

Aos poucos fomos nos aproximando e um dia resolvi celebrar a vida com alguns amigos e o convidei para um vatapá na minha casa. Era um desaniversário típico da Alice no país das Maravilhas. Amo cozinhar para quem quero por perto. Foi uma noite memorável não só pelo sabor da iguaria, mas por ter sido regada a gargalhadas.

Sem perceber estávamos em alegrias que somente são produzidas pelos bons encontros.

Uma conexão cintilante.

Não sei exatamente quando Lu passou a me chamar de Betty Boop do Cerrado.

Tão pinup.

Tão eu.

Passamos a nos ver com frequência, conversar por mensagens, ir ao cinema, teatro, festas, shows, planejar viagens, tomar café, comer docinhos. Um querido, em tudo isso. Um gentleman.

As delicadezas do dia a dia são motivos para uma foto pelo whats. Há dezenas no rolo da câmera do celular. Uma flor branca de cactos que dura somente uma noite. Um detalhe do quarto com o abajour alaranjado que compramos juntos. Um bolo chifon de limão siciliano que foi um presente sem motivo em um dia qualquer. Um coração de tecido que bordei para ele, pendurado na porta do quarto. O presépio que montou para as festas natalinas. Detalhes de janelas, raios de sol, azulejos do banheiro cor de rosa, sombra das plantas na sala, ovinhos coloridos de madeira, portas de guarda-roupas, móbile que costurei para um aniversário dele.

Lu conversa emendando partes de letras de músicas nas frases, fazendo referências a cantoras e cantores, bandas, artistas, cineastas e reproduzindo sons com palavras. Uma exuberância linguístico-cultural singular.

Coloca U – A – U em tudo.

Termina conversas com Love Love Love.

Escreve na vertical para enfatizar um acontecimento, uma sensação.

L

I

N

D

O

A gentileza encarnada.

Um homem-sensibilidade que gosta de gente.

Que se faz com o outro, em diversidades de corpos, situações, momentos.

Lu-poema ambulante numa matéria humana que pula de objeto para objeto nas suas coleções de latinhas, xícaras e porcelanas azuis.

Tão bom estar perto.

Na pandemia sentimos profundamente a ausência física. Uma saudade profunda. E talvez como forma de amenizar a sensação epidérmica do abraço impedido de acontecer passamos a colecionar emojis e GIFs na temática dos corações. Temos aos montes. Cada um que víamos



numa mensagem de alguém já enviávamos com dizeres amorosos e de esperança, para amenizar essa tristeza pungente que a morte nos traz.

Mesmo agora continuamos a trocar figurinhas. Quando conseguimos uma nova é imediatamente compartilhada.

Conectamo-nos diariamente pelo afeto.

Uma amizade permeada de respeito, escuta, cuidado e carinho que torna mais leve a jornada no meio acadêmico, pois permite o compartilhar de sonhos, de ternura e de entusiasmo pela vida.

Lu meu querido, a sua existência me movimenta em amor.

Esmalte

Não o conhecia.

Soube pela secretaria que seria meu aluno de mestrado.

Depois de vários encontros e repetidas vezes me apresentar uma proposta técnica de pesquisa lhe disse que cada vez mais tenho acreditado que um projeto de investigação tem que ser visceral. Fazer sentido para quem somos. E que aguardaria uma proposta que o tocasse profundamente.

Semanas se passaram até que consegui pensar em um tema.

Queria falar sobre a homofobia. Narrar as memórias que tinha de agressões, hostilidade e ódio vivenciados em sala de aula enquanto professor.

A partir desse dia compartilhava comigo histórias, dúvidas, momentos e angústias.

Certa vez me contou que tinha uma vontade muito grande de fazer uma coisa, mas que tinha uma vergonha na mesma proporção.

Disse que quando se sentisse confortável que poderia me contar, se quisesse.

Contou.

Queria pintar as unhas de preto.

Comentou que alguns garotos que seguia em uma rede social estavam pintando as unhas e achava aquilo muito bonito.

De supetão respondi bem emineirada: Uai, é só comprar um esmalte. Pinta. Ou se quiser posso te levar na minha manicure.

Ele ficou me olhando sem saber o que dizer.

Para ele a distância entre as pontas dos dedos e o frasco de verniz era imensa.

Ficou de pensar.

Disse não ter essa coragem toda.

Insisti que ele estava se fortalecendo para se colocar em resistência a todos os não que o faziam sofrer.

Dias depois me enviou uma mensagem: olha o que eu fiz.

E veio a foto das unhas esmaltadas.

Estava eufórico.

Falou que eu estava sendo a primeira a ver.

Que ele não parava de olhar para as mãos.

Fiquei emocionada.



Contou que aquela atitude tinha mudado o jeito como ele se enxergava, que tinha sido algo muito forte.

Nem todo mundo torceu por ele ou vibrou com a sua alegria por essa conquista.

A mãe não gostou, nem o ex-namorado, nem o amigo.

Respondeu a eles que as unhas pintadas não o faziam mais gay ou menos gay, que era apenas uma unha colorida e que elas não mudavam a pessoa que ele é.

Fiquei imaginando a potencia avassaladora de uma pesquisa de si e a transformação que proporciona a quem se entrega ao processo.

Orgulho transbordante de você.

Very fast

Primeiro semestre do período remoto.

Aulas on line regadas a álcool gel, medo, instabilidade de rede, falha de conexão, alunos substituídos por ícones e letras em telas compartilhadas.

Para mim que sempre apostei no diálogo em sala de aula, na força da presença e na alegria do convívio foi um desafio imenso.

Num primeiro momento me incomodei muito em não conseguir vê-los. Não conhecer seus rostos. Falar para o além. Tive que entender porque a maior parte dos estudantes não ligava as câmeras. Perguntei sobre isso.

Tinha de tudo.

Desde questões técnicas como aparelhos que não comportavam imagens e computadores sem câmera de vídeo até situações familiares complexas.

Uma aluna disse: Não posso ligar, professora, porque eu me sinto mal em ficar me vendo. Aqui não tem filtro. Eu fico reparando nos defeitos na minha cara, no meu cabelo, na minha boca. Não quero que ninguém me veja assim.

Outra justificou que ela ficava na sala que era o único lugar da casa que pegava a internet no celular e que a mãe assistia tv, os irmãos estavam brincando e a tia e a avó estavam jogando cartas.

Um rapaz me disse que não ia ligar porque a casa dele era um barraco e ele não queria que ninguém o visse ali.

Outro falou que estava trabalhando no horário da aula, que fazia hambúrgueres na chapa, e que o vapor da fritura impedia que ele deixasse a câmera aberta.

Uma estudante falou que ela cuidava do filho bebê, que ele demandava muito dela e se deixasse a câmera aberta ficava chorando por querer conversar junto.

E depois de um desses depoimentos, inesperadamente, alguém abriu a câmera.

Heloane.

Começou dizendo que falava de... va... gar porque tinha dificuldades. Contou que tinha tido uma parada cardiorrespiratória e anoxia cerebral quando recém-nascida. Teve paralisia cerebral discinética. Mostrou a cadeira de rodas e disse ser uma pessoa com deficiência.

Foi um misto de surpresa por não saber que tínhamos uma estudante PCD e ao mesmo tempo uma satisfação imensa poder conhecer mais sobre ela e sobre um universo que tangencio muito pouco.

Falei que gostaria que todos se sentissem acolhidos e que iríamos adaptar as condições possíveis de interação de cada um.

Não me incomodei mais com a ausência de imagens.

Passei a conversar virtualmente como se estivesse presencialmente ali.

A proposta das aulas era a leitura de textos, a realização de atividades disponibilizadas no ambiente digital e a produção de resenhas que seriam lidas por mim e discutidas nas aulas on line.

Perguntei à Heloane se ela precisaria de alguma ajuda e se aquele formato a atendia.

Tudo ótimo, professora.

E assim seguimos.

Na primeira aula ela abriu novamente a câmera e falou algumas frases dando uma opinião sobre o assunto.

Na seguinte apareceu novamente na tela e falou um pouco mais. Disse que ficava com receio de perturbar a aula porque era lenta para articular as frases.

Afirmei que jamais ela incomodaria. Que todos nós estávamos desejosos em saber o que ela achava. Que não tínhamos pressa. E que a finalidade da disciplina era nos tornarmos melhores, em respeito coletivo, em amorosidade. Que ela podia ficar à vontade e que seria bem vinda a todo momento.

Sempre bem humorada fazia comentários em todas as aulas, concordava com alguns, discordava de outros.

Aos poucos ia nos ensinando sobre acessibilidade, inclusão, preconceito, capacitismo, diferença.

A cada dia falava um pouco mais. Tinha argumento para tudo, exemplos, histórias. Participava de forma efusiva juntamente com outros colegas.

Quando o tema foi sobre estereótipos e produção de violências compartilhou relatos pessoais. Ficamos virtualmente conectados até o último minuto do tempo que tínhamos.

Na semana seguinte começou falando que gostaria de dizer uma coisa importante: professora, você está operando milagres em mim. Reparou que estou falando very fast?

Rimos juntas.

Todas as vezes que a encontro nos abraçamos em alegria, em admiração, em empatia.

Heloane, seu sorriso chega primeiro em tudo que faz.



Gargalhada



Um dia resolvi encurtar caminho e passei pelo hall de entrada de um outro instituto que sempre tinha desenhos na parede, cartazes e mensagens sobre um monte de assuntos. Gostava de ficar lá um tempo olhando as imagens, os dizeres, os recadinhos. E desse jeito desprezioso vi um anúncio de um grupo exatamente sobre o teórico que já vinha estudando. Peguei o número do telefone indicado e me voluntariei a participar.

E foi assim que a conheci.

Entrou na sala agendada para a reunião toda esbaforida, pedindo desculpas pelo atraso em função das atividades administrativas. Falou com um professor como se todos ali soubessem da confusão. Depois sentou, deu um suspiro, arrumou o botão da camisa, ajustou os óculos e sorriu para todo mundo deixando os problemas pendurados na porta. Distantes.

Uma conexão imediata.

Fomos misturando as atividades da universidade com as reclamações das tarefas cotidianas, questões familiares, programação de passeios, sugestões de leitura...

Nos últimos anos ela passou por muita coisa. E eu também.

Nos afastamos em tempos covidianos e nos reaproximamos.

Agora há convites para tudo: festas, bares, teatro, dança, bloquinhos de rua, cafés.

Vamos? Está à toa?

Vem aqui.

Uma amiga-gatinha canceriana legítima que tem a gargalhada como marca registrada.

Afetuosa, divertida, prática, responsável, sensível.

Nos ajudamos na rotina de leva e traz dos filhos. Fazemos pilates juntas. Trocamos dicas domésticas. Reunimos gente querida ao nosso redor. Cozinhamos com amor. Escrevemos em parceria artigos acadêmicos.

Falamos sobre medos e conquistas.

Compartilhamos o frio na barriga, as borboletas no estômago e os lampejos de felicidade.

O carro dela é consultório ambulante de crises dramáticas para os inconformismos habituais.

Sáimos com listas de frases que podem ser lidas em voz alta feito mantras.

Concentre-se no que está sendo bom.

Lance-se!

Chora que faz bem.

Movimente-se para o inesperado!

Vamos seguir sabendo pelo menos o que não queremos mais.

Você é sabida, toda trabalhada na terapia, mulherão e tem noção do que tem que priorizar.

Chame a alegria para perto.

Não sou boa com adrenalina.

Aproveita tudo que puder!

Você merece um amor inteiro.

Estar com os amigos é o único caminho para ir amenizando o que dói.

Mediante o inevitável talvez seja bom produzir algo novo.

Não dê nenhum passo para trás em tudo que já conquistou.

Viver com metade do coração é impensável.

Nossa pauta central é o sistema patriarcal e como nos movimentamos por entre forças machistas de existência. Das relações em que os desejos não são anunciados, em que há um acobertamento para que somente um dos envolvidos possa ser capaz de decidir. Dos nossos corpos sendo objetificados sem consentimento. Da angústia por não saber o que fazer mediante às pequenas violências produzidas no dia a dia em processos de desvalorização do que somos.

Conversamos sobre ciúme, acordos matrimoniais, paixão, poliamor, desejos, traição, incoerências, ansiedade, rotina, envelhecimento e mais uma dezena de assuntos que se localizam no aspecto do cuidado conosco e na complexidade dos vínculos amorosos.

Era para a gente estar fazendo tutorial no youtube.

Várias pautas prontas:

- Como sair de uma enrascada
- Tá desperdiçada muié
- Vamos trabalhar esse lance da timidez
- Alimentar o dia a dia com encantamentos
- Dias que parecem infinitos
- É mais cômodo fugir
- Seja protagonista de si mesma
- Cansada de treta
- Maligna e chapadaça

E assim seguimos, tendo uma na outra a confiança de dias melhores, em torcida mútua por alegrias moventes.

Querida, é maravilhoso tê-la por perto.

Sua gargalhada é fartura de vida.

Transparência



Essa é uma memória de um dia, há uns 10 anos atrás, no qual eu não soube o que fazer.

Já estava escaldada na docência, mas fiquei sem ação.

Era uma aula como todas as outras onde ocupávamos as cadeiras ao redor de uma mesa em U no centro da sala. Uns vinte e cinco estudantes e eu.

Não me lembro como surgiu o assunto da Marcha das Vadias, um movimento iniciado naquela época, no Canadá, em prol das mulheres se comportarem como quiserem e usarem a roupa que desejarem. Alguém comentou que no Brasil algumas manifestantes haviam sido presas por estarem com os peitos nus.

Um burburinho... que absurdo/não acho não/mas se fosse homem tudo bem, né?/por que tem que tirar a roupa?/é para ir do jeito que achar/e pelada fala diferente?

Perguntei, porque realmente não sabia, sobre o contexto da marcha: será que manifestar com os seios descobertos não é atender também aos desejos dessa sociedade patriarcal em que vivemos?

Uma estudante ficou indignada com a minha questão.

Achou incoerente, paradoxal, ridícula.

Falou que já tinha participado da marcha e que a ideia era outra.

Pedi que ela explicasse, então, a proposta da nudez do busto.

Para ela, estar com o peito descoberto é uma opção assim como a escolha de qualquer outra roupa.

De novo um avolumar sonoro de muitos falando ao mesmo tempo.

Sem perceber que estava no olho do furacão insisti na ideia de que essa opção não está presente nos nossos acordos sociais sobre vestuário, pois, no mundo inteiro circulamos em ambientes urbanos vestidos.

A estudante se irritou, pegou seus pertences sobre a mesa e saiu batendo os pés no chão com força.

Fiquei um tempo paralisada e decidi encerrar a aula para que todos pudessem se acalmar.

Na outra semana a maior parte dos alunos já estava sentada quando ela chegou e se acomodou bem à minha frente.

Usava uma regata sem sutiã com um moletom amarrado na cintura.

A transparência do tecido fazia com que seus mamilos bailassem de um lado ao outro de forma visível a todos.

Percebi a troca de olhares entre os estudantes.
Mesmo assim iniciei a aula e fui dialogando como sempre fazia.
Não consegui. A distração estava em cena.
Sabia que a escolha da roupa era um recado para mim.
Vivi segundos intermináveis para definir o que fazer.
Não podia fingir que nada estava acontecendo.
Não podia não tomar uma posição.
Não queria expor a estudante.
Não tinha ideia de como agir.
Resolvi solicitar que todos fossem beber água, dar uma volta, que estava precisando de um tempinho.
Levantei e fiquei aguardando a oportunidade para abordá-la.
Pedi licença e disse que gostaria de um minuto para uma conversa.
Concordou contrariada.
Comecei minha fala solicitando desculpas caso a tivesse ofendido. E emendei dizendo que tinha compreendido a blusa que estava usando como uma manifestação na aula. Em resistências a mim.
Disse com voz ríspida que sim. Que eu era dessas pessoas que tem um discurso inclusivo, mas agem de outra forma. Definiu-me como repressora.
Certamente recuei com a cabeça ou fiz algum gesto de espanto.
Tive que concentrar toda inteligência possível para as palavras que iria formular, no risco de botar tudo a perder.
Pausadamente reforcei que não tinha sido minha intenção e que apenas perguntei na compreensão de que poderíamos conversar abertamente sobre pontos de vista diferentes, plurais. Assim como acontece no bojo da própria luta feminista. Em divergências. Em muitos feminismos. A convidei para esclarecer aos colegas a sua percepção sobre o tema e que ficasse à vontade para dizer das próprias escolhas.
Apertou o canto da boca e disse que tudo bem, que iria falar.
No retorno de todos, optou por colocar o moletom sobre os ombros. Contou da vivência na marcha, de algumas violências e assédios que já havia sofrido, falou sobre estar sem roupa, e dos enfrentamentos que cada mulher tem que fazer para poder ser ela mesma. Respondeu algumas perguntas, sugeriu umas páginas na internet.
Foi bonito.
Depois agradei e segui com o que havia programado para aquela tarde.

Quando terminei ela ficou me aguardando. Queria pedir desculpas.

Nos abraçamos.

Não falamos mais nada.

A sensação que tive foi de que há uma imensidão de possibilidades de interpretação daquilo que dizemos e que pode ser visceral ao outro.

Tenho me construído professora em alteridades a partir do entendimento da aula como evento.

A dimensão da escuta é fundamental no processo de se estar aberto à multiplicidade de pensamentos, de gente, de histórias, de tudo.

Faço o possível para não ser castradora da voz de quem divide comigo a sala de aula. Procuro ser coerente com os discursos que elaboro. Mas às vezes me vejo caindo na vala dos preconceitos, da intolerância e dos julgamentos todos que carrego comigo.

Anos depois ela me enviou uma mensagem. Era um convite para que fosse banca do seu trabalho de conclusão de curso.

Anos depois a acompanhei no mestrado.

E ganhou o mundo.

Biodança



Desde pequena sempre amei dançar. Soltar o corpo mesmo sem música nenhuma. Ser transportada para outros lugares em pensamento pelo molejo dos quadris.

Numa aula, comentei que me sentia um pouco incomodada da gente ter sempre que ficar sentado, parado nas cadeiras e mexendo apenas o que temos da cintura para cima.

Uma estudante sugeriu que pudéssemos fazer um baile então. Como seria isso?

Aula-baile.

Os conteúdos da disciplina sendo apresentados por canções.

Adorei a ideia, mas perguntei qual seria a sugestão para conversarmos ao som do rock, samba, pagode, funk, sertanejo. Ahhh não conversa não, professora. No baile a gente só escuta, dança e se diverte. Verdade. A aula-baile idealizada teve vida curta.

Por muito tempo fiquei imaginando o que poderia criar para misturar dança, biologia, encontro, diversão em meio ao espaço universitário.

Fiquei com isso latejando. Em desejos que algo surgisse para que eu pudesse dizer sim.

E um dia uma estudante veio conversar comigo. Disse que estava querendo fazer o trabalho de conclusão, mas que o que ela gostava mesmo não tinha nada a ver com o curso. Era bailarina.

Bailarina?

Sim, danço numa companhia.

Puxa... vamos pensar em algo então que te deixe feliz com o que vai fazer.

Combinamos alguns encontros para que as ideias pudessem surgir.

Perguntei se ela já tinha ouvido falar de biodança e sugeri algumas leituras nessa direção.

Inventamos uma proposta-pesquisa que seria ofertada a quem desejasse frequentar. Algo que misturava dança contemporânea, ioga, técnicas de respiração, meditação e expressão corporal com comandos para incentivar a participação.

Com ajuda de outras alunas montamos uma playlist compartilhada, reservamos uma sala e amontoamos as carteiras no fundo para ter espaço livre na área da frente e no centro. Levamos uma caixinha de som e aguardamos o horário para iniciar com quem tivesse se disposto a ir.

Umas oito pessoas.

Contamos rapidamente sobre a prática e convidamos os presentes a se deitarem no chão, fecharem os olhos e se concentrarem na respiração. Nesse momento a música era bem suave para que pudessem ir se desconectando das preocupações e dando espaço nos pensamentos para o que estavam vivenciando naquele instante. Falávamos sobre a sensação de se perceber

integrado à terra e aos organismos que habitavam aquele lugar juntamente conosco. E que aos poucos pudéssemos sentir uma energia vibrante de vida entrar pela nossa pele e ser distribuída por todas as células do corpo, trazendo vitalidade, saúde e bem estar. Pedíamos que pudessem ir se movendo à medida que fossem desejando, sentindo a melodia e apreciando a força dos músculos, dos ossos, dos comandos neurais que nos permitem mobilidade. Com um som mais vibrante, sugeríamos que se levantassem aos poucos e que pudessem ir sentindo a conexão com cada um que estava ali conosco. Que fossem se desprendendo do piso e aumentando a potência de cada movimento ao ritmo do que estavam escutando. E que se vissem ali, emaranhados por fios invisíveis uns aos outros e que a energia amorosa acumulada em nós pudesse se expandir para o prédio, para o campus inteiro, para o bairro, para a cidade, para o país, para o planeta e para o universo como um todo. E nessa hora a música era bem agitada, para que pudessem pular, balançar os braços, rodopiar e se permitirem à dança como quisessem. No final de uma hora de atividade, nos abraçamos suados, e conversamos sobre o que tinha sido aquela experiência. Deixamos o convite para estarem na semana seguinte e que pudessem divulgar.

Na outra terça-feira havia uns vinte à nossa espera.

E de semana em semana foi aumentando o número de participantes de outros cursos. Muita gente que não conhecia, que não sabia o nome, nem como havia chegado até lá.

Um dia apareceu uma moça e antes de iniciarmos falou que não sabia se ia conseguir porque ela era muito tímida e não estava bem aqueles tempos. Enfatizou que na verdade não estava nada bem. A acalmamos no sentido de que ela pudesse se sentir à vontade.

Durante a dinâmica demorou para que ela conseguisse se mexer. Ficou boa parte do tempo encolhida. E depois foi se soltando com uma certa cautela.

Na roda que fazíamos ao final, chorou muito, agradecida.

Enquanto retornava as carteiras para o lugar ela veio falar comigo. Perguntou se era um grupo terapêutico. Afirmei que não. Ficou me olhando e disse que achava que era sim porque aquele encontro a tinha salvado. E tirou de um dos bolsos de uma calça larga dezenas de comprimidos que estava planejando tomar. Jogou no cesto de lixo.

Sorriu e saiu.

Nunca sabemos em qual segundo lançamos coletes salva-vidas nas nossas ações diárias.

Esperança

Estava na coordenação do museu que fica num parque da cidade.

Fazíamos ações educativas, gincanas, festas e tudo que envolvia a divulgação científica.

E no movimento de mostras, eventos e exposições um grupo de estudantes vinculados ao diretório acadêmico do curso me perguntou o que tínhamos de proposta para envolver as pessoas do entorno: moradores do bairro Esperança.

Não tínhamos.

E aí nasceu a proposta de extensão universitária: Esperança no museu.

Um bairro ao lado da sede do museu cujas condições sociais eram de extrema vulnerabilidade, pobreza e violências várias. Procuramos inicialmente as professoras da escola de educação infantil para ter uma visão macro do que nos aguardava. Elas nos indicaram algumas lideranças com quem tínhamos que conversar para ter autorização de adentrar na comunidade. Aos poucos fomos nos aproximando e construindo coletivamente um projeto de receber os alunos em contraturno para que pudessem estudar conosco, tomar um lanche e vivenciar o espaço do museu. E assim foi acontecendo.

Estávamos de portas abertas.

Um grupo pequeno de meninos, garotas e juvenzinhos.

O convívio nos mostrou os abismos, as distâncias, as ausências, a falta, o irreparável. A carência de tudo.

Com o passar dos dias, semanas e meses fomos nos chamando pelo nome, conversando em abraços e nos conectando em afetos produzidos onde antes era deserto.

Um dia um menino de uns seis anos que raramente falava me disse que gostaria muito de uma coisa. Apontou a televisão. Geralmente passávamos algum desenho ou filme para eles no fim da tarde. Perguntei se ele queria que eu ligasse. Falou que não. Queria que a irmã mais velha que cuidava dele pudesse assistir. Não tinham tv.

Fiz um bilhete e coloquei no bolso do short dele, convidando a irmã para quando pudesse ir até lá que seria uma alegria recebê-la. Semanas depois ela foi. Assistiu um filme com ele, mas falou que se sentia desengonçada de estar lá no meio da moçada. Já era adulta.

Sugeri que ela pudesse reunir outros adolescentes e conversar sobre a possibilidade de assistirem filmes no sábado de manhã, quando o museu tinha ainda pouco movimento no final de semana. Que era um convite. Organizaríamos um lanche e seria uma oportunidade de frequentarem aquele espaço público que era aberto a todos.

Numa tarde ela veio dizer que sim. Contou que tinha falado com uns amigos do bairro e que vários iam participar. Avisou que tinha uns mais malandros, mas que não iam fazer nada não. Sorri agradecida pelo aceite e combinamos de iniciar logo na semana seguinte.

Com o grupo de universitários fizemos uma seleção de filmes que pudesse ser do interesse deles, que tivesse assuntos relacionados aos dilemas da vida, amizade e estudo. Faríamos uma sessão exclusiva para eles.

Organizamos as cadeiras, estouramos pipoca, compramos guaraná e aguardamos ansiosamente a chegada deles. Vieram. Uns dez. Alguns trouxeram os irmãos, filhos e sobrinhos. Timidamente se acomodaram e demos início. Ninguém ali nunca tinha ido ao cinema, nem ao shopping, nem ao museu.

Ficamos próximos reparando nas reações. Inspirações profundas, respiração ofegante, comentários sobre os personagens, risos, choro. E nosso coração quentinho.

Na outra semana teve um outro filme. E mais outros e mais outro.

Um dia, um rapaz me perguntou se poderia trazer a avó para conhecer o museu. Ela morava no bairro há mais de dez anos e nunca tinha ido até lá. Outros que estavam escutando também falaram que gostariam de trazer parentes e amigos.

Claro que sim!

Animada, sugeri com a maior empolgação do planeta que fizéssemos um café da manhã para recebê-los. Nessa época tínhamos mais recursos financeiros da universidade para ações desse tipo.

Uma moça disse que não sabia se ia conseguir trazer alguém porque eles não tinham roupa de domingo. Falei que isso era o que menos importava. Vários outros comentaram que ninguém tinha sapato bom, camiseta cara. Chegaram à conclusão que ia ser bacana convidar os familiares. Sabíamos das condições frágeis impostas pelo tráfico de drogas, violência doméstica, fome, problemas sanitários e injustiça social.

Para a nossa equipe aquele movimento era uma conquista, algo memorável a ser comemorado com um banquete.

Organizamos para o encontro balões coloridos, forramos mesas com toalhas de pano, compramos bolo, pão de queijo, suco de uva e passamos um café. Fizemos mudas de plantas para que pudessem levar para casa de presente. O peito palpitando com a emoção da espera.

Foi quando um dos meninos que estava conosco há mais de um ano entrou correndo na sede e aos prantos disse: estão expulsando eles! Os polícia não deixaram nós entrar!

Disparei a correr pelo longo caminho arborizado até a entrada do parque.

Não deu tempo de fazer nada.

Só vi aquelas pessoas que aguardávamos com tanta esperança indo embora. Suas silhuetas de costas. Alguns olhavam para trás.

Senti a cena como um soco no estômago.

A empresa de segurança terceirizada havia trocado os plantões e não nos comunicou. O vigilante que tinha sido designado para a portaria não estava sabendo do encontro porque o colega que ficava lá todo sábado teve um problema de saúde e não o avisou.

Uma confusão. Achou que era um arrastão. Que o museu seria invadido.

Eu só chorava. Ele tentava me acalmar dizendo que não tinha feito por mal.

Justificava que eram pessoas com aparência estranha, que ele tinha orientações para não deixar entrar, que poderia ser perigoso.

Eu e os universitários envolvidos ficamos arrasados.

Uma situação irremediável.

Ao voltar para o lugar que tínhamos montado a recepção foi como pisar o quarto de um filho morto.

Até hoje eu choro ao lembrar.

Meus olhos estão marejados nesse momento ao escrever essa frase.

Alguns eu reencontrei e pude pedir perdão pelo ocorrido.

Os outros nunca mais vi.



Esse escrito é dedicado à Dani museóloga.

Liberdade

Na primeira disciplina que trabalhei quando ingressei bem novinha na universidade, durante uma fala minha, uma estudante tirou da bolsa a nécessaire, colocou o pé descalço sobre a carteira da frente e começou a cortar as unhas. Achei um disparate, falta de respeito e todas as demais denominações possíveis para uma vista daquelas. Pedi gentilmente para guardar. Guardou.

Depois fiquei pensando por quais razões tinha me revoltado com a pedicure, mas segui firme nos meus princípios em relação a ter um comportamento adequado no ambiente acadêmico.

Quando um aluno levou seus cinco cachorros para a aula, tive a mesma reação. Justifiquei que não era permitido, que não estava nas normas, que não podia. Ele saiu junto com a matilha.

Em casa fiquei tentando entender porque eu não permiti que ficassem.

Outra vez, durante um exercício de sensibilização com fotografias, um estudante mostrou uma foto dele com uma senhora, uma criança e uma garrafa de cerveja. Disse que eram as três mulheres da vida dele: a mãe, a filha e a bebida. Fiquei extremamente ofendida, alterada, dei um sermão. Ele disse que poderia explicar. Não deixei e explicitiei, com o semblante fechado, o quanto a comparação era intolerável.

Com o passar do tempo, muitas leituras, aprendizados com outros colegas, escutas de relatos da vivência universitária, terapia e práticas de autocuidado fui tendo clareza do que estava por trás desses rompantes, ainda que raros, de autoridade.

Insegurança.

Preconceitos.

Arrogância.

Ao mesmo tempo que ia buscando localizar em mim e tratar os mecanismos emocionais que subjetivavam essas ações fui me modificando enquanto professora. Passei a ver meus estudantes como eu: em processo. Comecei a perceber a sala de aula como um tabuleiro do jogo da vida em que cada um está num momento. Numa condição. Alguns paralisados em uma casa, outros avançando conforme os dados são jogados.

Não podia exigir deles o que muitas vezes não dava conta em mim.

Com o passar dos anos fui me desprendendo cada vez mais das amarras de obediência ao sistema, sem deixar de ser responsável com a formação dos alunos e com minhas tarefas profissionais.

Desobedecia um pouquinho aqui.

Um pouquinho outro dia.

E fui tentando, aos poucos, respirar mediante um determinado acontecimento e compreender o que estava motivando uma atitude para discernir a ação mais apropriada que poderia ter.

E fui melhorando como gente.

E fui me tornando uma professora mais compassiva.

E fui envolvendo meus estudantes em convites.

E fui me entendendo uma professora anfitriã.

Esse movimento todo trouxe leveza para a carga horária dos conceitos que abordava.

Gerou uma atmosfera cordial na qual os alunos passaram, de alguma forma, a sentir que poderiam se expressar sem a certeza da punição.

E assim fui vivenciando maravilhas em sala de aula produzidas somente quando há acolhimento para sermos autênticos.

Recentemente, umas nove estudantes estavam sempre juntas e quando uma fazia algum comentário sobre um conteúdo da aula, as outras imediatamente reforçavam, davam exemplos, sugestões. Às vezes uma chegava mais calada e já queriam saber o que tinha acontecido. Dependendo do que fosse permaneciam em silêncio também.

Quando sugeri que fizéssemos uma atividade, a partir da leitura de um texto, surgiram questionamentos sobre o número de integrantes que poderia ter no grupo. Caso fosse em outra época iria dizer um número exato qualquer até cinco.

Pode ser com todas nós, professora?

Sim, claro.

Impossível separá-las.

Elaboraram uma performance incrível com provocações acerca da pressão estética aos corpos femininos. Vestiram-se de acordo com cada década. Quebraram espelhos, jogaram celulares para o alto, rasgaram roupas e desfilaram sendo elas mesmas.

Para além dos aplausos perguntei como elas tinham se sentido ao produzir algo tão tocante.

Uma delas se levantou e disse: me senti livre.

Fiquei muito comovida com a fala.

Talvez esse seja o sentido da docência em prol de uma educação libertária.



Terra

Experimentei a sensação de ser olhada com desconfiança, desprezo e repúdio várias vezes no meu local de trabalho. Não sei mensurar quantas vezes saí da sala de reuniões e andei pelo corredor com a percepção exata do que é ser incompreendida. Sentia-me alienígena. Imaginava que meus colegas me viam com a pele róseo-translúcida, olhos saltados com luz esverdeada. Tinha certeza que possuía antenas de cor violeta saindo da testa e se arrastando no chão.

Um ser diferente.

E talvez por isso, constantemente me deparo admirando pessoas exóticas, espontâneas, autênticas, desvairadas.

Amo aquelas que riem de si mesmas, contam as trapalhadas que fazem, assumem um estilo próprio, voltam atrás, e se mudam constantemente.

Terráqueos singulares.

Já o olhava de longe. Tinha algo no seu modo de falar, de se colocar, de defender pontos de vista que me davam a impressão de alguma sintonia no aspecto ético da nossa profissão docente.

Alguém para admirar.

Tive a certeza disso no dia que me procurou devido a eu estar no cargo de direção do instituto.

Pedi licença e disse que lamentava muito tomar meu tempo com aquele problema.

Qual, professor? Fique à vontade para me contar.

Os bancos do meu laboratório.

Sumiram. Capaz que alguém pegou. Não estão lá.

Aqueles bancos de madeira? Antigos?

Sim, esses.

Acho que deve ter sido as funcionárias da limpeza. Devem ter colocado para fora para arrumar a sala e esqueceram de recolocar.

Não, não é possível.

Então vamos até lá.

Quando saímos já os avistamos. Certamente saiu pela direita da sua porta e os bancos estavam do lado esquerdo. Olhei para ele e não aguentamos. Rimos juntos da situação.

Durante anos a fio lembrava da cena toda vez que passava por perto.

E nesse tempo todo continuou tendo o mesmo caráter, a mesma postura, a mesma argumentação justa para qualquer assunto acadêmico e a mesma risada de menino.

Estava no aguardo de uma oportunidade para me aproximar.

E ela surgiu por meio de uma possibilidade de pesquisa conjunta.

Combinamos uma conversa. Em meio às ideias em ebulição foi me mostrando fotografias, desenhos, quadros, pinturas. Tudo que desconhecia sobre ele.

Num outro encontro leu poemas sobre a vida, a natureza e o amor.

Um universo de sensibilidade.

Convidei-o para ministrar uma aula de campo na floresta. Prontamente aceitou e foi adentrando a mata envolto a estudantes de diversas áreas.

Ali eu percebi que, como eu, ele também tinha antenas. Hastes na cabeça que sentiam a vibração das árvores. Estruturas sensoriais que viam a seiva dos vegetais a olho nu. Mãos escaneadoras da superfície das plantas que emitiam nomes científicos somente com o toque. Pelos táteis que respondem às oscilações do ar quando algum inseto está na superfície. Ouvidos que escutam seres microscópicos conversarem entre si. E um olfato que detecta o fruto ainda sendo semente. Via as raízes de seus pés se misturarem aos fungos do solo e percorrerem quilômetros em sabedoria ancestral.

Havia um rastro de energia deslocada da sua pele a cada passo que dava.

Num instante não sabia mais distinguir o homem da paisagem.

Senti uma alegria profunda em poder vivenciar aquele momento.

Ele é meu amigo.

Seu sobrenome é Terra.



Brecha



Queria fazer um suporte de madeira para fixar uma impressora na parede. Perguntei na secretaria sobre a marcenaria, numa época que ainda havia esse setor na universidade antes de quase tudo ser substituído pelo serviço terceirizado. Fui enfaticamente desestimulada: ele só diz que não dá para fazer; nunca pode; é ríspido; acho melhor nem ir; vai perder seu tempo.

Posso preencher a requisição de qualquer forma? Vou lá tentar.

Não fui mal recebida, mas tive um não imediato como resposta. Aproveitei uma brecha e perguntei se poderia tirar as medidas para que ele me auxiliasse com o desenho para levar para confeccionar em outro lugar. Antes de sair fui elogiando as peças que estava lixando. Eram lindas, bem acabadas. Perguntei se o pó da serragem não o incomodava. Estranhou, mas disse que não. Perguntei se havia muitos anos que trabalhava ali. Mais de trinta. Perguntei quem tinha ensinado a ele o ofício de marceneiro. Seu avô. E fui fazendo perguntas para as quais tinha respostas secas, diretas. Perguntei se o estava incomodando. Não.

Agradei e me despedi. Ele me olhou e disse que me esperava trazer a metragem.

No outro dia voltei.

Chamei-o novamente pelo nome e fiquei do seu lado admirando a destreza para fazer o esboço. Quando me entregou perguntei se indicava algum colega para produzir a peça. Não. Então como vou fazer? O senhor está muito ocupado para poder me ajudar e eu não tenho nenhuma indicação de algum outro marceneiro maravilhoso.

Percebi que me olhou com o entendimento de que a minha frase era um elogio.

Perguntou da autorização do pedido. Você tem? A direção assinou? Sim. Tá aqui.

Colocou por baixo de uma pilha de formulários e me falou para aguardar, que me avisava.

Agradei com um sorriso.

Menos de uma semana e uma secretária atendeu o telefonema. Era ele. Estava pronto. Podia buscar. Ninguém acreditou. Falaram até em milagre.

Fui buscar e fiquei conversando com ele sobre a vida, família, trabalho, rotina.

Toda vez que podia passava por lá. Queria saber dele. Como estava, o que fazia.

De palavras curtas passamos a frases inteiras e depois sentenças.

Num final de tarde ele foi me procurar no instituto. Levou um pedaço de bolo. Estava se aposentando.

Saudade



Em um dos vôos a trabalho sentei ao lado de uma senhora. Ela estava nervosa e foi me fazendo perguntas para puxar assunto e minimizar a tensão. Perguntou o que fazia. Sou professora. De criancinhas? Não, na faculdade. De adultos. Ahhh que bonito. Meu esposo era professor também. Sempre viajava com ele, mas agora estou só.

Olhou para mim e tirou da carteira uma fotografia do marido.

Tocou na imagem com a unha pintada de vermelho e me fez outra pergunta: você sabe o que é uma saudade infinita?

Durante muitos anos não tive essa resposta, mas naquele setembro eu passei a saber exatamente o que era.

A morte súbita da minha mãe me trouxe a certeza da fragilidade da vida.

Deveríamos ter outra relação com o fim, mas não temos. A despedida nos toca profundamente.

Pensei na morte como um turbilhão.

Ao mesmo tempo que leva, traz tanto...

Nesses tempos de luto me senti muito querida. Emocionada com tantas e tantas manifestações de afeto. Cartas, mensagens e declarações de empatia nas redes sociais. Inúmeros alunos, professores e funcionários da universidade em desejos para que eu ficasse bem.

Uma oportunidade para outros afetos, para uma solidariedade que nos abraça.

No início foi somente tristeza. Não conseguia ler, estudar, comentar algo, ou mesmo ir para as aulas sem pensar nela. Na ausência. No nunca mais.

Herdei suas orquídeas e a cada dia buscava vê-las refletidas nos olhos da minha mãe.

Distanciamento em aproximações.

Um dia senti uma saudade tão absurda que num pensamento alienado tentei lhe telefonar.

Passei a conversar com ela em pensamento. Contava dos meus dias, dos meus temores, das alegrias. Materializava seu sorriso ao meu lado ganhando forças para seguir.

A morte, de uma maneira muito estranha, pode nos encher de movimento para os encontros e para o inesperado.

Por mais que a gente saiba que aproveita bem a vida, a morte nos mostra que ainda é pouco.

Precisamos pensar, dizer e agir com muito mais amor.

O que temos hoje é efêmero.

Escondidinho

Recebi um convite para uma banca de doutoramento, longe, em Pernambuco.

Não conhecia a candidata, Suzane. Nem os demais membros da banca. Disse sim. Li o texto da tese com atenção e fiz inúmeros comentários, questionamentos, críticas e sugestões.

No dia da defesa entendi a complexidade do que foi produzir aquela pesquisa. Praticamente sem orientação, com uma filha pequena, sem ajuda e sem afastamento das atividades docentes na escola básica. Na minha fala, suprimi tudo que poderia desestimulá-la. Dei ênfase no que havia sido incrível. Agradei pela preciosidade daquele encontro.

Após os comentários dos outros professores, cinco horas depois, ela foi aprovada.

Ovacionada em emoções por todos os presentes.

Em meio aos parabéns percebi a garotinha chorando. Perguntei o que tinha acontecido.

Respondeu: nada não. Estou tremendo por dentro, agora vou ter minha mãe de volta.

Naquele instante eu soube que estava diante de pessoas muito especiais.

Ao término da sessão a recém doutora nos convidou para um almoço no restaurante do primo que havia ganhado um prêmio de chef revelação. Montou o restaurante depois de começar a vender bombons caseiros para bancar os estudos. Dos docinhos passou a fazer marmitas e das quentinhas virou o cozinheiro mais famoso da cidade.

Subimos as escadas de um espaço aconchegante. Ele veio nos receber com um sorriso enorme no rosto. Abraçou todo mundo e disse que já iria nos acomodar.

O salão estava lotado. Umass duzentas pessoas. Pegou um tacho de cobre enorme, uma colher de pau e começou a bater com força pedindo silêncio. Disse da sua satisfação de receber a primeira pessoa da sua família a se formar num curso superior e que agora era dou-to-ra!

Aplausos mil! Gente de pé para celebrar aquele feito!

Um momento exuberantemente lindo.

Comida deliciosa. Especialidade da casa: escondidinho. Tudo maravilhoso.

Dali em diante nos tornamos amigas, companheiras de trabalho e de torcida por felicidade na vida uma da outra.

Todas as vezes que estou meio baqueada com as desventuras universitárias me lembro desse dia. E do quanto há de amor escondido por entre os fazeres acadêmicos.



Polifonia

Talvez ela seja a pessoa mais delicada que já conheci. Sorri com o corpo todo e tem um entusiasmo sem igual. Acredita nos sonhos possíveis. Aqueles se manifestam na força da existência. Alguém cuja beleza preenche o espaço numa singularidade ímpar. Em meio às atribulações da pesquisa acadêmica e com uma vontade infinita de contribuir para a melhoria da educação pública, assumiu um cargo de chefia na prefeitura. Estava me contando sobre as dificuldades, as mazelas, as conversas truncadas, as fofocas das quais estava sendo vítima. Externalizou a profunda indignação com as pessoas com as quais trabalhava, com a falta de compromisso, com a desumanização, com a politicagem. Com os olhos cheios d'água me disse: eles querem puxar meu tapete. Respondi sacodindo a cabeça que seria impossível: Querida, você tem um tapete voador.

Ele queria fazer um trabalho de conclusão de curso e foi conversar comigo. Alegou estar perdido, desacreditado, sem ânimo. Não sabia por onde começar, mas desejava terminar porque sofria intimidação, por parte de professores e alunos, principalmente pela dificuldade de fala. Você quer estudar o quê? Não sabia. Conta para mim sobre o que você gosta, o que te chama a atenção. Quase nada. Sabe professora, não era para eu estar aqui. Os médicos desacreditaram minha mãe quando eu nasci. Desde muito novo incomodo todo mundo. Disse a ele que não era verdade, que todos nós movimentamos alegrias ao nosso redor. E que eu tinha certeza que a mãe dele estaria orgulhosa de vê-lo terminar uma importante etapa escolar. Mexeu a cabeça com um sinal de não, em silêncio. Temos que encontrar algo que você queira pesquisar. Um tema que faça sentido para a sua vida. Ele continuava respondendo na negativa, que não havia nada. Quando puxou a manga da blusa eu vi uma tatuagem. Uma bicicleta. Perguntei o motivo de a ter tatuado. Fazia ciclismo. Longas trilhas em áreas rurais. Disse que amava observar a natureza pelo selim da magrela. Nascia ali um projeto. No dia da apresentação, após ter sido aprovado, sua mãe desceu as escadas do auditório e o abraçou, dizendo para todos da plateia que aquele momento era uma conquista e que não havia palavras possíveis que pudessem descrever como ela estava orgulhosa.



Num sábado, por volta da meia noite recebi um chamado de áudio de um rapaz que havia sido meu aluno muitos anos atrás. Ele estava numa festa, numa cidade distante, com vários outros estudantes que também tinham acompanhado minhas aulas. Em meio a um som alto e uma conversa de fundo me deram um presente imaterial. Uma declaração amorosa de agradecimentos pelo que tinha imprimido de positivo na vida deles.

Quando nos conhecemos ele ficou fissurado com o fato da minha sala ter pôsteres da mulher maravilha, caderninhos, canetas. Adoro quadrinhos e essa personagem desde a infância. Ele também. Um apaixonado pelo universo das HQ queria pesquisar sobre isso. Íamos a lançamentos de filmes juntos, trocávamos revistas e conversávamos por horas sobre super-heróis, guerreiras, identidades secretas, mulheres independentes, braceletes da vitória, vilões e o laço da verdade. Sempre no perrengue financeiro, ficou muito contente quando conseguiu por meio de um projeto uma bolsa de estudos. No dia que recebeu a primeira remuneração, me levou de presente um livro da minha heroína favorita.



Qualquer palavra sua é poesia. Um corpo-camada de sensibilidades incomuns que tem no outro sua vida em movimento. Sobreposições de tempo, emoções e afeto a cada encontro. O conheci no primeiro ano da graduação e agora está no doutorado. Anos de convívio e admiração crescente. Um pesquisador dos dilemas cotidianos, dos corações que se despedaçam junto a um romance findado, do que se renova com um céu azul e daquilo que acontece a quem está distraído. Um moço esverdeado em meio aos seus vasos de planta com olhos de encantamento para o mundo. Escritor das incertezas, do improvisado, dos silêncios, das cicatrizes, dos detalhes e de tudo que ninguém mais vê. Produtor de imagens únicas da efemeridade dos momentos. Um privilégio de transbordamentos do acadêmico para sentimentos compartilhados em nós. Você é mola propulsora de amorosidade no meu caminhar.

Ela sempre chegava atrasada e precisava sair mais cedo das aulas. Pedia desculpas ao entrar e se lamentava ao sair. Na terceira semana vendo aquilo acontecer perguntei, correndo o risco de

ser invasiva, qual o motivo daquele entra e sai. Minha filha, professora. Ela é pequena e fica na casa de uma amiga porque às terças meu esposo não pode buscá-la. Aí chego atrasada porque saio do trabalho, pego ela na creche, vou andando até a babá e corro para cá. Tenho que sair antes da aula acabar porque senão a gente perde o ônibus. Entendi. Faz assim, tenta trazê-la para cá. A gente coloca umas coisas para ela desenhar, pode dormir no carrinho, ficar com você aqui. Tenho certeza que não vai atrapalhar e os colegas vão entender. E assim passamos a dividir as aulas com uma menina de dois aninhos. Ela chegava e corria para abraçar um por um. Dava opiniões sobre o ar condicionado, achava graça de alguma coisa, fazia sinal de silêncio quando algum aluno estava falando e coloria aquele espaço com a ternura que somente a infância tem. No final do semestre estava tristonha. Disse que não queria que as aulas da mamãe terminassem. Que estava com uma dor de barriga no coração.



Em um café, numa conversa sobre sua ideia de pesquisa, ela me disse que o que queria mesmo não dava para fazer. Como não? Conta o que quer. Contou e fez. Ousou como ninguém. Misturou áreas de conhecimento, bases teóricas, habitou espaços que antes achava não ser possível. E se agigantou ao ser cem por cento ela mesma. Temos uma conexão pela irreverência. Cavocamos frestas de devaneios em escritas conjuntas. Ela me chama de deusa maior. Suas mensagens, não importa qual assunto, permeiam elogios elaborados e peculiares que me encham de alegria mesmo antes de saber do que se trata: Gata do amor e dos corações da vida. Tá na área? Lindeuza. Tá dando para segurar a onda? Maravilinda. Encanto das florestas. Divina. Linda do meu core. Cê tá podendo falar? Tremzin cheio de amor. Felizona. Mulherão. Cê tá amando aí? Flor do meu jardim. Loviú! Muito amor por você.

Nos aproximamos numa aula depois de um depoimento sobre seu corpo. Conversamos acerca da gordofobia e me emocionei com algumas histórias familiares que compartilhou comigo. Falou sobre a construção do amor próprio ser diária. Fiquei impressionada como alguém tão jovem podia saber tanto. Argumentava como uma jornalista que faz uma matéria com a força uterina. Uma linda. Defensora das liberdades todas, com ela tenho aprendido muito, em múltiplas esferas da vida. Falamos sobre as relações amorosas e do quanto para estar com o outro precisamos conhecer profundamente nossas próprias dores e inseguranças. Sim. Para não

jogar no relacionamento as nossas frustrações. E é tão difícil isso. Demais. Saber de si é um mistério. Ela faz questionamentos inéditos. Qual é a composição de um amor-guia? Eu sou ponte de que? Qual é a paisagem do acolhimento? Uma mulher que pulsa em sentidos e me ajuda a desprender do chão.



Há muitos anos atrás o encontrei caminhando por um corredor na universidade e perguntei o que estava acontecendo com ele. Havia percebido que talvez não estivesse bem. Respondeu que era isso mesmo. Uma doença que havia se manifestado quando criança, tinha voltado. Conversamos um tempo e me recordo de ter dito a ele sobre a força dos sonhos que nos movimentam e que talvez seja fonte de cura. Um dia chegou um convite. Lançamento de seu livro. Festejei com ele aquele compilado de poesias inspiradoras. Um rapaz poeta que alimenta a vida construindo jardins, agregando pessoas, falando no coletivo, produzindo pensamentos humanitários e se dedicando a fazer do mundo um lugar melhor. Ele busca semear amor, verdade e justiça em tudo que faz. Um mestre do dizer autêntico, dos pequenos milagres cotidianos e das celebrações em alegria. Um visionário. Alguém que quer fazer acontecer com toda vibração possível. Em suas mensagens o verbo querer aparece de inúmeras formas: quero saber, quero organizar, quero compartilhar, quero fazer, quero estar, quero mergulhar, quero convidar, quero estudar, quero ler, quero chegar, quero ter a oportunidade, quero o bem, quero muito, quero sempre, quero demais, quero sonhar. E eu sempre lhe digo que quero estar junto.

Foi uma época complicada para ela. Ofereci meu tempo e escuta para auxiliá-la no que fosse possível. A vi sofrer com perseguições, difamação e falta de profissionalismo no meio universitário. Uma tristeza que parecia não ter fim. O término do curso não amenizou as marcas do que vivenciou naquele tempo. Mas de alguma forma, o vivido nos aproximou. Uma vez me disse: estou ansiosa para te convidar para tomar um café na minha casa, mas ainda estou sem casa. Respondi: vamos sem casa mesmo! E assim, iniciamos uma amizade para além da relação professora-aluna. Um carinho genuíno permanente anos a fio. Acompanhei etapas importantes da sua vida sempre na torcida para vê-la em alegrias. Numa mensagem: agora batem dois corações em mim! Estremeci de emoção. E seguimos compartilhando o que nos atravessa, nos arrasa e nos fortalece. Tenho uma imensa admiração pela mulher que é. Orgulho sem medidas

de percebê-la envolvida numa educação inclusiva, a ajudar pessoas pouco compreendidas, como foi um dia.

Não me recordo bem ao certo como nosso convívio se iniciou, pois quando percebi já estávamos trocando confidências sobre relacionamentos, questões familiares e dilemas do meio acadêmico. Um rapaz estudioso, dedicado e incrivelmente sensível. Das pessoas que querem abraçar o mundo e se veem em comunhão com desconhecidos. A sua escrita tem a profundidade das fossas oceânicas. Ele pensa no amor como modo de vida. Cada texto seu me mobiliza a entender o quanto para ser pesquisador temos que nos rasgar, nos expor, nos convocar a encontros com o que há de mais encalacrado dentro de nós. Pelo seu olhar vejo se está absorvido na solidão ou no inconformismo ou em felicidades pelos bons acontecimentos. E o seu sorriso me ajuda a pensar os desafios como momentos a serem vividos na intensidade do possível.



Cada vez que ia a Manaus a convite dele, conversávamos sobre projetos em conjunto, participava de bancas, dava palestras. Uma vez fiquei até com o maxilar travado de tanto sorrir para fotos. Um homem-acolhimento. Seu sotaque peruano musicalizava as possibilidades de trabalho em parceria. Um apaixonado pela educação, pelas pessoas, pelos bosques, praças, museus, pela natureza, pelo Brasil. Por lá me apresentava o que havia de melhor da culinária amazonense, me servia sucos de frutas que nunca havia provado. Colocava umas baladas sonoras no carro para dizer sobre algum artista recém lançado, seja no carimbó, lundu ou outros do cancionário local. Falava muito, sempre sorrindo, animado, cheio de entusiasmo por estarmos perto. Emudeci com a notícia de que um vírus de apenas cento e vinte nanômetros tinha interrompido a sua vida.

Há tanto de vocês em mim.

Reverberações



Eu sei de histórias e vivências dos meus alunos que poucos sabem. Muitos me contaram em aula o que nunca tinham dito antes.

Conheço objetos guardados com apreço por eles que falam sobre experiências dolorosas e de amor.

São memórias.

Reverberações de si que produzem o extraordinário tangível em palavras.

Caixinha de música: a mãe adotiva que faleceu grávida simbolizada na bailarina.

Um morango: fruto em formato de coração representativo dos dias que passou com o pai, em isolamento durante a pandemia, quando se aproximaram.

Estojo de pincéis: a pintura como forma de se libertar de julgamentos sobre seu corpo.

Boneco de um jogo de videogame: disse ser seu melhor amigo e o único em quem podia confiar.

Sapatinhos de bebê de crochê azul: memória do irmão que morreu antes de completar seu primeiro ano de vida.

Embrulho de um picolé sabor coalhada: lembrança do café da manhã na casa do sítio da avó, que mora no Maranhão e que há três anos não se veem.

Cartas internacionais amarradas com uma fita: saudades do pai que saiu para uma viagem pelo mundo, sozinho, numa bicicleta.

Uma foto dele sorrindo com um bebê no colo: a primeira vez que havia experimentado a sensação de amar alguém.

Fotografia de um pôr-do-sol: gratidão por estar viva após perder parentes na pandemia.

Capa do disco do Pink Floyd: presente do namorado que se suicidou.

Chaves: a materialização de uma conquista de morar numa cidade diferente após ter sido espancado pela mãe ao contar que era gay.

Fita amarela do Nosso Senhor do Bonfim: um agradecimento pelo milagre de ter conseguido se curar de uma depressão profunda.

Anéis: preocupação com o pai e a avó paterna internados ao mesmo tempo na UTI, com covid-19.

Mochila: presente do avô quando entrou na faculdade, mas que não conseguiu vê-la se formar.

Cordão com um prisma na ponta: amuleto que ganhou do amigo que superou um transtorno mental com a ajuda dele.

Balas de coco: receita que faz em homenagem à amiga que faleceu, na tentativa de lembrar do gosto de saborear os doces momentos com ela.

Sementes de andu: pensamentos saudosos da presença e do cheiro da mãe.

Siri: fotografia de quando conheceu o mar.

Flores de um pê-branco: esperança para tempos tão difíceis após um tratamento de saúde.

Kit de costura da avó que faleceu: desejo de ter aprendido a costurar com ela.

Robô feito de adaptadores: criação pela necessidade constante de se reinventar.

Recibo de pagamento do bondinho do Pão de Açúcar: primeira vez que andou de avião.

Envelope com pedido de namoro: um sim para a vida após um trauma relacional.

Flores roxas: libertação de um longo inverno de privação no exterior.

Tatuagem da cachorrinha no braço: motivo para viver durante uma depressão profunda.

Controle de videogame: presente da médica que cuidou do irmão que faleceu ainda pequeno.

Amoras verdes: frutos de uma árvore que ele mesmo plantou na pré-escola e que para ele é a exatidão dos ciclos da vida.

Tiras de tecido usadas para dar suporte ao tubo de traqueostomia: lembrança do dia que passou a respirar sem a necessidade do suporte ventilatório.

Agenda do tempo em que a avó trabalhava de doméstica e a deixava escrever nas páginas em branco: saudades.

Caderno das anotações das sessões de terapia: sensação de melhorar como pessoa.

Coleção de pulseiras de internação hospitalar: recordação de que já passou por situações complicadas e de que a vida é preciosa.

Sapatilhas de balé: para lembrar que os sonhos não tem idade.

Última chamada de vídeo: sorrisos antes da mãe sofrer um acidente e falecer.

Disjuntor: marcas da pobreza na infância e de quando o avô o desligava para que não gastasse energia no banho.

Rolo de linha de nylon: lembrança de pescar com o pai e do afastamento dos dois.

Agiganto-me com os estudantes que habitam em mim, todos os dias.

Amplia

Como dizer até logo a amores acadêmicos que gostaria de ter por perto, para sempre?

Com o passar do tempo fui inventando projetos, fazendo convites e possibilitando que muitos continuassem ao meu lado, fisicamente.

E sem idealizar, quando percebi, estava novamente envolvida com gente querida que havia estudado comigo.

Formamos um grupo.

Em construção coletiva.

Em alteridades.

Em interlocuções.

Em surpresas.

Em sim.

A ampliar o mundo em nós.

Um espaço de fala sobre o cotidiano.

Proposta construída em diagonais, sem direção certa, sem hierarquia.

Um bem querer mútuo que nos motiva a estar, a querer, a fazer.

Sem cobranças.

Sem tempo certo.

Só na força do desejo de produzir encantamentos por entre conhecimentos fronteiriços.

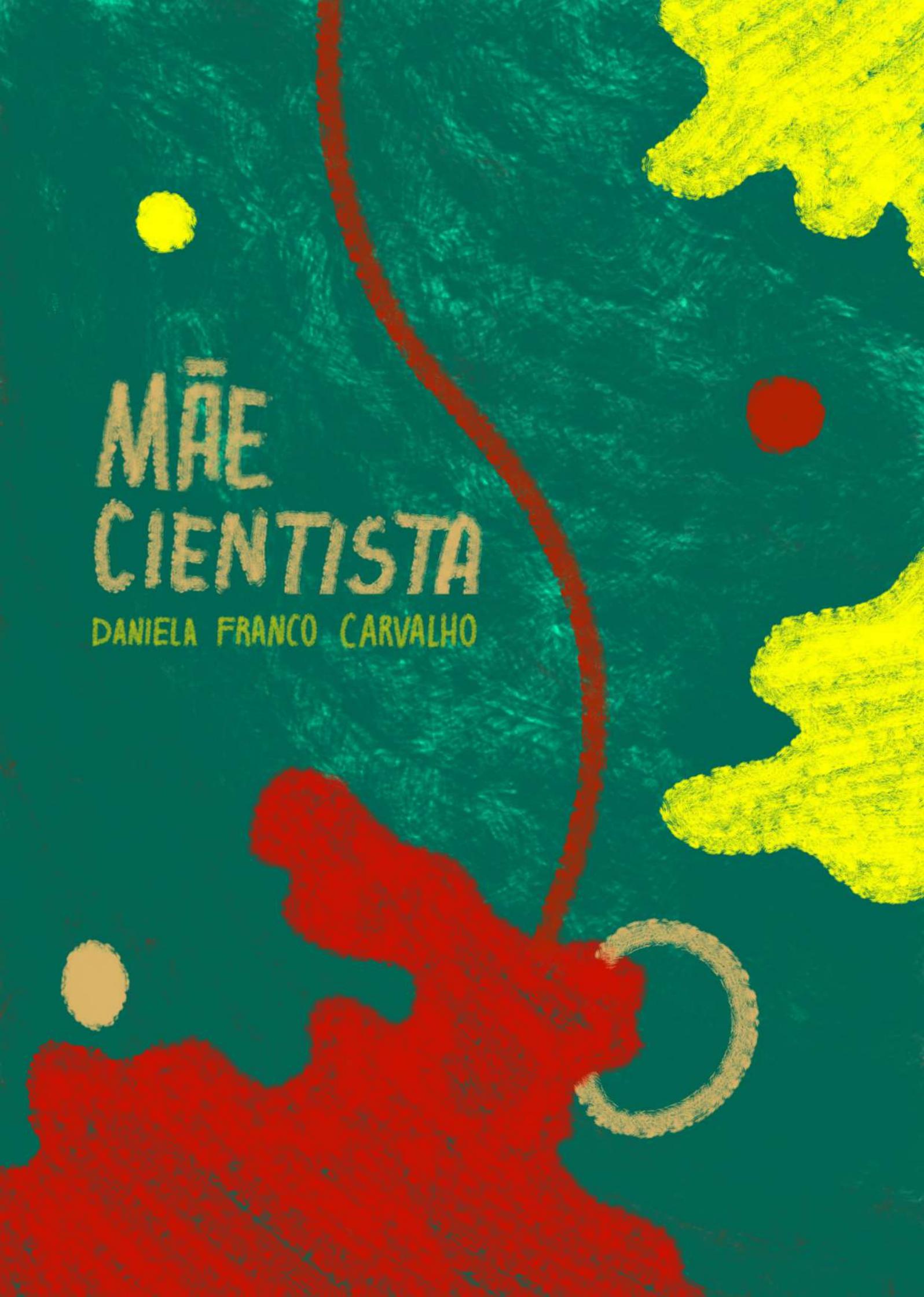
Encontros inacabáveis em carinho imenso.

Presença amorosa de vida em proposições acadêmicas.

Porque o que se produz é feito de gente.



Com amor para... Ana, Antonio, Fabíola, Guilherme, Karla, Maria, Vinícius e Sarah.



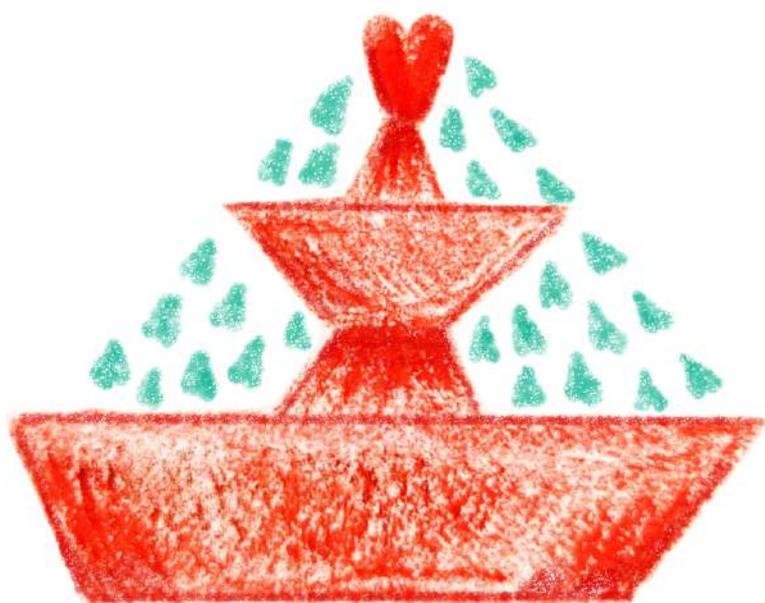
MÃE CIENTISTA

DANIELA FRANCO CARVALHO

Mãe cientista

Daniela Franco Carvalho

Ilustrações: Sarah de Assis Andrade



Para meu filho Héctor.
Amote you infinito chafariz.

Parados no semáforo fechado. Uma música tocando no carro. “C’est beau la bourgeoisie” de Variété Française.

Héctor me pergunta: *mãe, você desistiu do francês?*

Oui, j’ai desisti.

Rimos.

Desisti para poder fazer outras coisas.

Quero agora escrever um livro sobre a maternidade e a vida de professora universitária.

Você se incomodaria de ser citado?

De estar em todas as páginas?

Não, claro que não. Pode me colocar.



Fiz colégio técnico, trabalhei como microbiologista em um laboratório, graduação em Ciências Biológicas, mestrado em Ciências de Alimentos e quando estava faltando um ano para terminar o doutorado nessa mesma área, viajei para o exterior e conheci alguns museus de ciências que me provocaram o desejo de atuar com divulgação científica.

Não queria mais concluir aquilo.

Não fazia mais sentido.

Desisti.

Abandonei.

Mudei de área.

Procurei um professor do campo da educação e contei da minha vontade de estudar os museus.

Faz isso. Presta a seleção daqui.

Passei.

Comecei um doutorado em educação.

Tudo novo.

Referências bibliográficas, conceitos teóricos e autores que jamais havia pensado em ler.

Um pesquisar diferente.

Uma escrita outra.

Trabalhava como professora em uma universidade particular e duas vezes por semana pegava a estrada para disciplinas e encontros do grupo de pesquisa.

Viajava para entrevistar equipes do setor educativo de diversos museus no país e faltando treze meses para o prazo final de defesa da tese descobri que estava grávida.

Talvez toda estudante de pós-graduação, que sabe dos deveres a cumprir com os órgãos de fomento e qualificação do programa, viva um misto de emoções com o beta HCG acima de 25 mIU/ml.

Mudei do interior de São Paulo para Minas Gerais. Ficaria mais próxima dos meus pais que residiam em Goiás nesse período.

Entre enjoos e inchaço nas pernas analisava depoimentos, elaborava tabelas, escrevia, apagava, desesperava um pouco, respirava e, nas raras horas de descanso, bordava saquinhos com agradecimentos às possíveis visitas que receberíamos naquela cidade que ainda não conhecia.

Faltando um mês para o Héctor nascer, perguntei ao meu orientador que na época era coordenador do curso, se eu poderia solicitar uma dilação de prazo.

Poder pode, mas é melhor terminar logo para aproveitar seu tempo com ele.

Achei razoável.

Não pedi.

Até porque no início dos anos 2000 alegações sobre maternidade dificilmente seriam ponderadas.

Na minha ingênua percepção, conseguiria nas horas em que o bebê estivesse dormindo, finalizar o texto.

Todos os dias dançava um pouco segurando a barriga. Cantava. Tomava sol nos peitos. Fazia massagem nos pés. E projetava uma vida bem linda cheia de amor e saúde.

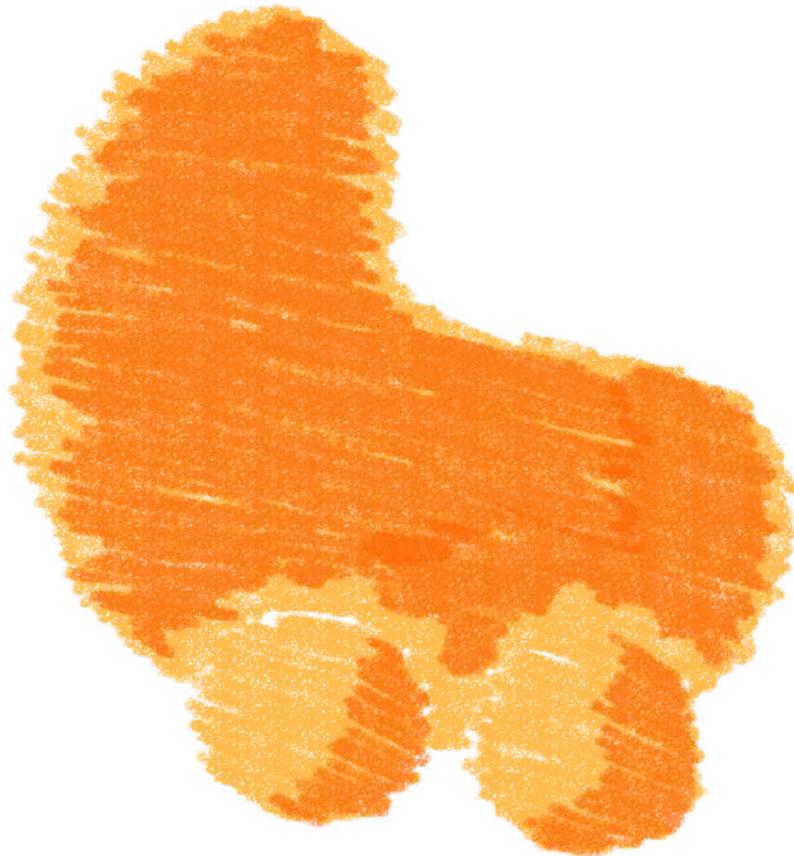
Estava preparada para isso.

Quartinho arrumado com decoração do fundo do mar.

Roupinhas lavadas à mão com sabão de coco.

Malinha pronta para o hospital.

Texto salvo no computador e num pen drive vermelho.



Último pré-natal.

A médica ultrassonografista falou que o líquido amniótico estava maduro.

Ligou para o obstetra.

Ele disse para você ir para o hospital.

Como assim? Estou de 38 semanas.

Então, fica tranquila, seu bebê já quer nascer.

Veja que ele ainda não está encaixado, pode ser perigoso esperar.

Fiquei pensando que não. Que ele não queria nascer não. Que ele estava lá tranquilo e que poderia ainda ficar mais quinze dias na minha barriga.

Um sofrimento.

Não concordava com a cesárea.

Eu queria um parto natural.

Estava com medo do pulmãozinho não estar pronto.

Fui convencida que seria o melhor.

Faz xixi.

Veste a camisola com a parte aberta para trás.

O seu marido vai assistir o parto?

Sua pressão é alta?

Está de jejum?

Quando comeu?

Não estou achando a veia.

Fica de lado.

Se ficar tonta ou achar que vai vomitar é só virar para cá.

Você fez xixi?

Tem muita água aqui.

Como é o nome dele?

Oito voltas do cordão no pescoço.

Vou fazer uma plástica nessa cicatriz.

Chorou ao nascer: (x) Imediatamente

Reanimação: (x) Não

Grupo sanguíneo: A

Fator Rh: +

Teste de Coombs: -

APGAR 5': 9/10

Uma eternidade até colocarem o Héctor junto a mim.

E minutos depois já fui levada para a sala de recuperação, e ele, para o berçário.

Talvez hoje em dia os protocolos sejam outros, mas naquele dia me senti só.

Eu e a maca.

No frio.

Com um medo gigantesco de tudo.

Com a sensação de um nascimento apressado.



Oi, como você está se sentindo? Vou te ensinar a amamentar. Hoje provavelmente só vai ter colostro. Faz um "C" com o polegar e o indicador.

Isso.

Ele está sugando. Mas será que está saindo alguma coisa?

Dá licença, vou apertar seu mamilo.

Está sim.

Mãe, estou com muita vontade de fazer xixi.

Melhor não levantar ainda. Vou pedir para a enfermeira trazer uma comadre.

Pode deixar o Héctor no bercinho. Está dormindo.

Não consigo fazer. Não sai.

Minha barriga está ficando dura.

Já faz dez horas da cirurgia e ainda não consegui.

Perguntei para outra enfermeira.

A anestesia faz isso.

Seu médico vai passar aqui daqui a pouco. Pode pedir uma sonda para ele.

Quinze horas da cirurgia.

Nada.

Mãe, e esse médico que não chega?

Nossa, isso é desesperador.

Mãe, acho que ele não está conseguindo mamar. Não tem nada aqui.

Mãe, acho que ele está ficando com fome. Ou frio. Ou alguma outra coisa.

Vou deixar ele aqui do meu lado.

Outra enfermeira chegou.

Conseguiu urinar?

Não.

Seu médico já vem.

Olha se você deixar o bebê só aqui com você ele vai acostumar mal.

Como assim?

É melhor deixar ele no berço para não acostumar a ficar com você.

Ah.

Devo ter olhado para a minha mãe com a incredulidade em todos os meus poros.

Estou muito desesperada para fazer xixi.

Quer que eu faça uma massagem?

Ligar a água da pia?

E esse médico que não vem?

Mamys, está doendo. Preciso muito conseguir fazer xixi.

Dezessete horas da cirurgia.

Isso não é normal.

Doutor, não estou aguentando mais.

É um pouco difícil mesmo depois da cesárea. Os medicamentos deixam o esfíncter contraído e se passar uma sonda prejudica. Tem que ir tentando.

Você está ótima, sem sangramento e com um bebê saudável. O leite deve descer daqui dois dias. Está tendo colostro. Tudo normal.

Pensava: Normal? Tudo bem? Como assim? Ir tentando?

Um desespero para fazer xixi e é isso mesmo?

Minha mãe começou a me ajudar a levantar. Héctor chorando. Xixi encalacrado.

Chegou uma enfermeira e me colocou debaixo do chuveiro, num banquinho. Foi fazendo fricção nas minhas pernas. Falando que quanto mais tranquila eu ficasse mais fácil seria para voltar a conseguir fazer xixi.

Fui concentrando na tranquilidade mas comecei a chorar.

Não parava de chorar.

Vinte e duas horas depois, consegui um xixi interminável.

Noite em claro entre trocas de fralda, colocar no peito, ajustar travesseiros, perda de acesso venoso, dor nas costas, fraqueza, frio, náuseas e remédios.

Amanheceu e eles chegaram: o pai do meu filho e os avós paternos.

Você está muito bem, nem parece que pariu.

Só o seu cabelo que tem que pentear.

Que lindo que ele é.

Perdeu peso, né?

Fez cocô?

Melhor dar sempre um banho depois que ele fizer cocô.

Ele está mamando bem?

O leite ainda não desceu, por enquanto tenho o colostro.

Isso não está certo. Eu já tinha leite depois do parto.

O médico explicou que demora até 72 horas quando é cesariana.

Está errado isso.

Ele parece comigo, a cara do vovô.

Não está certo mesmo. Acho que tem que tomar uma vitamina.

Beber mais água.

Estou tomando.

Já era para ele estar mamando bastante.

Deve estar passando fome.

Acho melhor dar um complemento de leite.

Você lavou as roupinhas todas? Não colocou na máquina?

Torceu? Não pode torcer.

Ganhou muita fralda, mas o bom mesmo é de pano.

Agora estou vendo que você está com olheiras.

Tem que descansar.

Comeu?

É bom oferecer o peito a cada 30 minutos.

Mas não está saindo nada. Ela não tem leite. Não vai ter leite.

Vai ter que dar complementação.

Comecei a chorar em soluços.

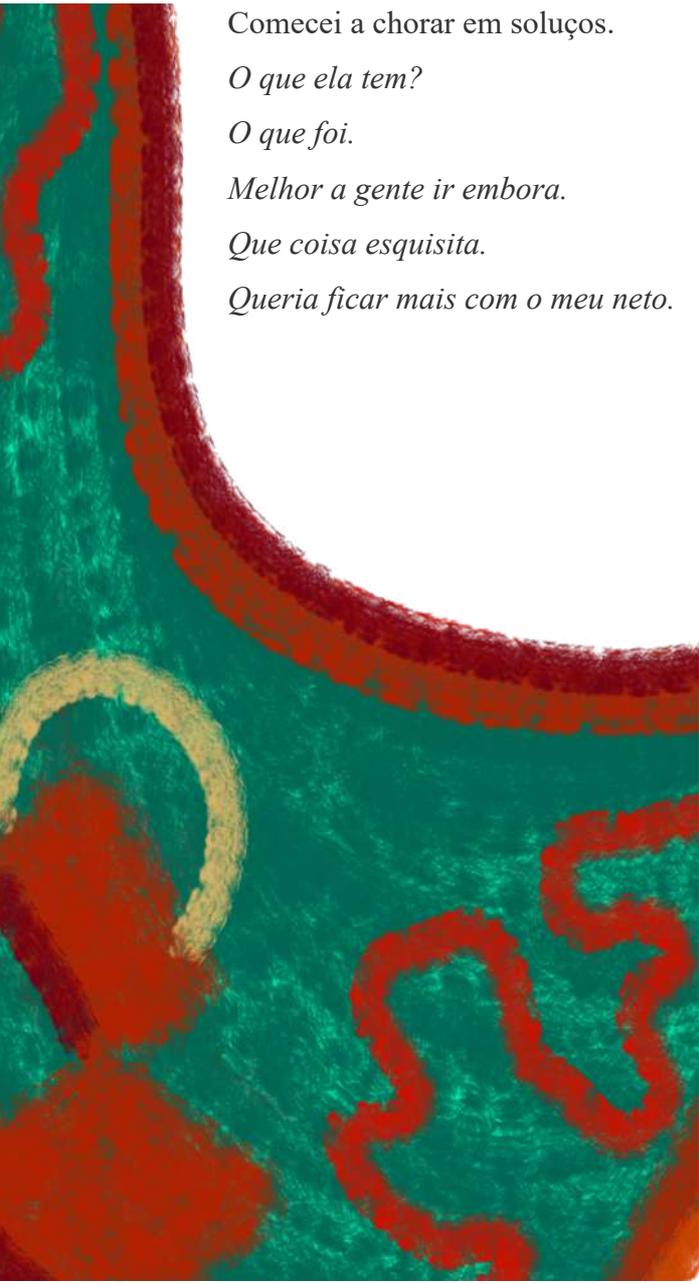
O que ela tem?

O que foi.

Melhor a gente ir embora.

Que coisa esquisita.

Queria ficar mais com o meu neto.



Depois do choro no banheiro e o pranto ao longo dos comentários qualquer assunto me deixava entristecida.

Chorosa.

Melancólica.

Uma enfermeira me disse que eram os hormônios, que ela ficou assim também até descer o leite.

Já estava me sentindo culpada pelo Héctor estar perdendo peso, por estar com fome.

Todos que me telefonavam quase não escutavam minha voz. Quando qualquer pessoa perguntava como eu estava, começava a chorar.

Olhava para o bebê e chorava.

Ia dar o peito, chorava.

Começava a comer e chorava.

Recebi alta.

A pediatra neonatal avisou que teria que voltar ao hospital dali três dias pois havia uma suspeita de icterícia e tinham que acompanhar o recém-nascido.

Minha formação de bióloga já enviou um alerta sobre a bilirrubina, vias metabólicas, estrutura neural, dano cerebral.

Pavor pelos próximos 4.320 minutos.

Doutora, e se ele engasgar com o leite? O que eu faço?

Bebês não engasgam com leite. Isso não vai acontecer.

Fui para casa preocupada.

Dois dias de Héctor e ele começou a mamar.

A quantidade de leite era enorme.

Poderia ter ficado feliz com isso, mas ao contrário, sofri. Pensava nas mães que não tinham leite. Nos bebês na UTI. Naqueles que estavam se alimentando por sonda.

Um choro incessante me acompanhava.

Com as sugadas passei a sentir um incômodo no bico dos peitos.

Consegui uma diarista para ajudar na rotina da casa.

Ela viu que eu e a minha mãe estávamos trocando o Héctor e correu para dizer que não podia.

Que se alguém ajudasse a colocar a roupa, o bebê morreria.

Minha mãe explicou que era uma lenda, uma tradição de achar que isso aconteceria para forçar a mãe a conseguir cuidar sozinha da criança, para que ela se responsabilizasse integralmente por esse cuidado, sem ajuda.

Não é não. Aconteceu com uma sobrinha e com a filha de uma vizinha.

Achei melhor trocar o Héctor sozinho.

Mesmo sabendo que não devia pensar naquilo, que não fazia sentido, chorei de novo.

Pensava nas mães que tem seus filhos sem ajuda, sem amparo, sem apoio.

Na culpa por um filho morto.



Seu olhar é um túnel amoroso de ternura extrema.

Numa troca de fralda percebi um sangramento.

Liguei para a pediatra.

Leva para o hospital, assim já faz o teste do pezinho e da orelhinha.

Não podia acreditar naquilo.

Um choro doloroso me acompanhava ao pensar em submeter o bebê aos furos, agulha, medicamento... a essa violência toda de estar vivo.

Voltamos ao ambiente do parto 40 horas depois de termos saído.

Vai ter que tirar sangue?

Sim. Vamos levá-lo para fazer o exame e já te devolvo. Fica tranquila, mãezinha.

Uma tensão. Os pontos da cesárea começaram a incomodar. Eu só pensava no Héctor lá dentro, se sentindo sozinho, sem poder falar.

Mesmo tentando, não conseguia segurar as lágrimas. O pai tentava me acalmar, demonstrando otimismo.

Depois de uns cinquenta minutos me trouxeram ele de volta. Um curativo de bichinhos no alto da testa.

O que foi? Porque esse *band-aid* aqui?

Não foi possível tirar da mãozinha. Tivemos que puncionar. Uma técnica pediátrica.

Pedia desculpas ao meu filho por aquilo.

Eu não sabia que fariam daquela forma.

Uma tristeza.

Eu estava inconformada.

Tínhamos que aguardar o resultado. Horas depois: *podem ir para casa.*

Tudo normal.

A icterícia também está controlada, não vai precisar de banho de luz. Continua colocando ele no sol no comecinho da manhã.

Mas e o sangramento? O que pode ser?

Não deve ser nada.

Nenhuma alteração nos exames.

Nada?

É mãe, pode ficar tranquila que não é nada.

Pensava na diarista.

Na premonição.

Nas tragédias todas.

Anos depois, quando uma outra pediatra me pediu para contar como foram os primeiros dias de vida, contei sobre isso. Ela me explicou que é muito comum nos meninos, que tem relação com os hormônios da placenta e sais de urato concentrados devido à baixa quantidade de ingestão de líquidos por mamar somente o colostro.

Não era sangue.

Não precisava ter feito exame.

Não precisava ter passado por aquilo.

Não precisava.



Completamente apaixonada por ele.

Numa aula na graduação o professor explicou que muitas pessoas que tem um braço ou perna amputados continuam sentido como se ainda existisse o membro ali.

Eu percebia algo semelhante, mas inverso.

Uma sensação da barriga mexendo fora de mim.

O corpo do bebê interagindo com o meu.

Passei a reparar que antecipava algumas reações como se soubesse que o Héctor iria chorar, rir, jogar a cabeça para trás, bocejar.

Nenhuma das mulheres que conhecia, mães, havia me relatado que a gente se perde no tempo olhando para o filho.

As três horas entre uma mamada e outra eram de contemplação.

Eu me sentia completamente hipnotizada por aquele olhar.

Um amor que parecia não poder ser maior.

E que aumentava.



Dia de tirar os pontos.

Deixei o Héctor com a minha mãe que ainda estava em casa me auxiliando.

Na sala de espera do consultório várias outras mulheres na mesma condição que a minha. Recém-paridas. Algumas super produzidas com sapatos de salto alto, maquiagem e cabelos escovados.

Olhei para mim.

Ainda com as roupas da gestação. Uma barriga imensa. Os peitos três vezes o volume de antes da gravidez. Olheiras no meio da bochecha. Cabelo caindo em chumaços. Espinhas no rosto.

Doutor, estou tendo muito incômodo para amamentar. Os bicos doem muito.

É só não lavar depois da mamada. Vai melhorar logo. Você está com muito leite.

Doutor, estou muito sensível. Choro para tudo.

É normal. Uma fase.

Doutor, eu me sinto fraca, desanimada, exausta.

Vou te passar uma vitamina.

Anos depois compreendi que passei por uma depressão pós-parto.

Podia ter sido tratada.

Amenizada.

Mas não foi.

Vivi uns dois meses de pesadelo com os sintomas se agravando: cansaço extremo, falta de sono, sem apetite, muita irritabilidade e um medo imenso de não ser boa mãe que invadia os meus pensamentos a todo instante.

No meio disso tudo meus pais retornaram para a rotina deles. Os mamilos racharam. Héctor mamava e regurgitava sangue. Eu me sentia só e com uma tese para terminar.

Doutor, o que faço?

Se o inchaço não diminuir nos próximos dias com compressa de água morna, teremos que suspender a amamentação.

Para mim era impossível pensar em não amamentá-lo. Sabia da importância do leite materno, das imunoglobulinas, do ferro, e do vínculo de afeto do momento. Uma amiga da época do colégio técnico, que também tinha acabado de ter um bebê, me enviou uma bisnaga de lanolina pura importada que podia ser engolida na mamada. Usei, melhorou um pouco, mas a dor dos bicos com fissuras era absurda.

Pomada, compressa, reza, tensão, sofrimento.

O leite começou a diminuir.

Os peitos ficaram empedrados.

Uma aflição de não saber o que fazer.

Neném com fome.

Telefonava para a minha mãe de meia em meia hora.

Lembro de ter adormecido exausta e empapuçada de choro.

Sonhei que umas mulheres indígenas estavam no quintal. Elas pegaram um pouco de folhas de arruda e fizeram um macerado no pilão de madeira. Colocaram sobre os meus peitos. Sorriam.

Acordei e comentei com a minha mãe de que iria fazer o emplasto.

Nossa querida, será que não é perigoso? Sem recomendação médica...

Fiz.

Parecia um filme de ficção científica.

Há tanto mistério na circulação dos saberes e de alguma forma esse conhecimento ancestral chegou até mim.

Em dois dias as feridas estavam cicatrizadas.

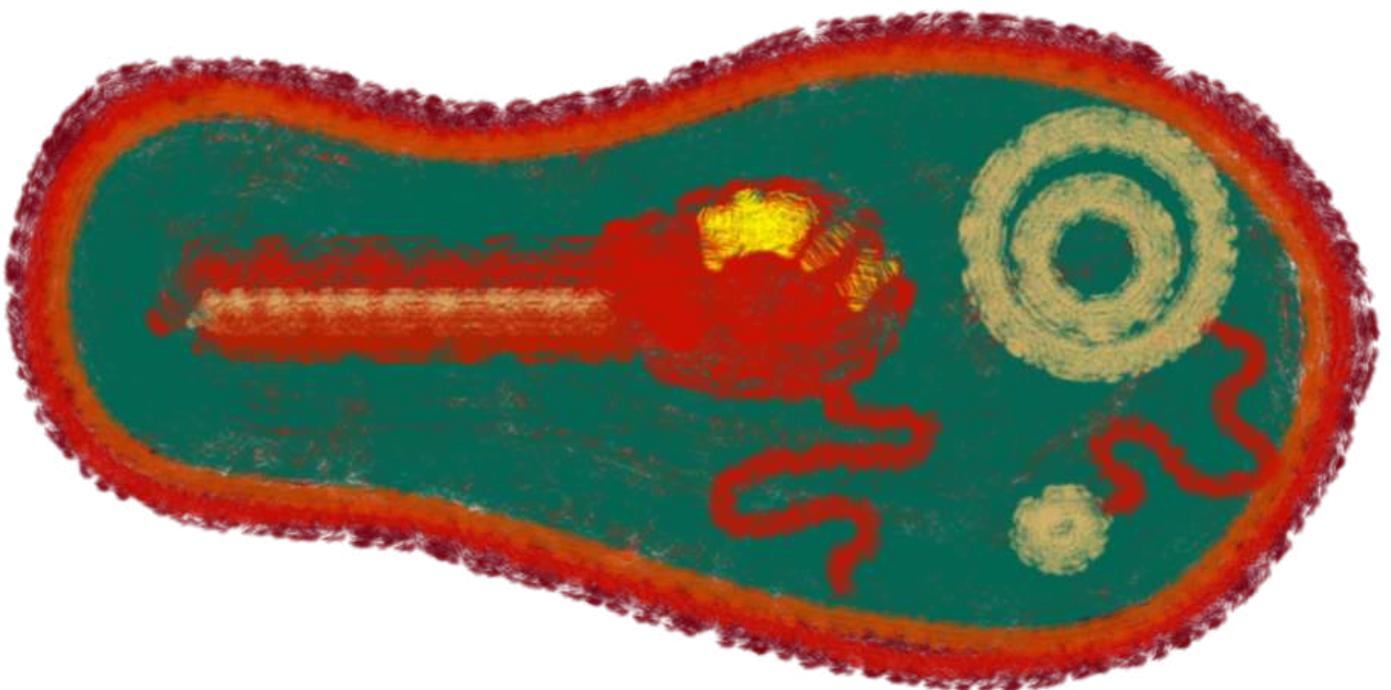
Um alívio.

Depois soube de trabalhos acadêmicos etnobotânicos sobre o uso de *Ruta graveolens* no tratamento da mastite.

Passei a doar um litro por dia para o banco de leite da universidade.

Héctor mamou o quanto quis até os oito meses, quando desistiu do peito.

Engasgou três vezes.



Dois meses de Héctor.

Quatro meses para a defesa do doutorado.

Faltava análise, conclusão, referências, dedicatória, formatação, resumo...

Angústia.

Eu tentava a cada soneca que ele tirava durante o dia ir para o computador escrever algo, mas não tinha forças.

Estava exaurida.

O bebê chorava muito. Acordava várias vezes durante a madrugada.

Talvez fome.

Peito.

Choro.

Talvez cólica.

Arrotos.

Choro.

Talvez calor.

Janela aberta.

Choro.

Talvez frio.

Coberta.

Choro.

Talvez silêncio.

Choro.

Talvez música.

Choro.

Talvez balanço no carrinho.

Dormiu.

Não mexe.

Choro.

Talvez fome.

Talvez.

Só não tentei chupeta.

Deveria ter tentado.



Cada sorriso dele é uma explosão colorida de alegria pela vida.

Três meses e eu não conseguia escrever nenhuma linha da tese.

Todo o meu tempo era em cuidados com o bebê, com a casa e preocupações com a escrita.

Não dormia direito.

Calor.

Mosquitos.

Choro.

Acorda.

Sensação de que aquilo tudo jamais iria acabar.

Médica falando para deixar o bebê chorar sozinho porque ele precisava aprender a administrar o próprio corpo.

Jamais deixei.

Gente sugerindo dar papinha porque deveria ser fome.

Mamou exclusivamente no peito até os seis meses.

Segura atravessado.

Dá mamá de pé.

Complementa com a mamadeira porque seu leite deve ser fraco.

Para de comer coisas com alho e cebola que pode dar cólicas.

Tenta fazer uma rotina melhor.

Coloca para dormir as seis da tarde.

Deixa uma camiseta sua no berço.

Tudo o que era razoável eu fiz.

Todas as benzedeiras da cidade conheceram o quarto do Héctor.

E ele continuava chorando.

Ficava roxo de tanto chorar.

Numa tarde a vizinha tocou a campainha.

Ameaçou me denunciar ao Conselho Tutelar.

Entrei em pânico e ela percebeu meu desespero. Disse que a filha era pediatra há mais de vinte anos e, se eu quisesse, ela conseguiria um horário.

Agradei.

Recebi atenção plena na consulta.

Fizemos todos os exames possíveis.

Não era nada físico.

Continuou chorando, mas pelo menos todos ao redor souberam que aquele lar era seguro para o bebê.

Implorei para a minha mãe ficar uma semana comigo para que pudesse me dedicar à escrita da tese.

Veio.

Eu fiquei tão emocionada quando a vi que meus olhos ficam marejados só de lembrar.

Parecia que finalmente alguém iria fazer algo por mim.

Ajudou em tudo.

Foram dias de alívio.

Com menos choro.

Com mais sorrisos.

Naquela época pouco se falava sobre rede de apoio, grupos de cuidado compartilhado, possibilidades de convívio entre mães no puerpério, colaboração doméstica e função parental masculina.

Anos mais tarde soube de uma pesquisa de que quando a mãe não está emocionalmente disponível às demandas do bebê, em conflito conjugal ou depressão, muitas vezes o bebê tenta imitá-la na tentativa de estabelecer um contato afetivo, e esse comportamento se dá por meio do choro.

É muito para uma mãe sozinha.

É muito para um bebê com uma mãe sozinha.



Não sei quantos milhares de caracteres escrevi com o Héctor no colo.

Aprendi a digitar somente com a mão direita, fazer comida balançando o carrinho com a perna esquerda, tomar banho com o bebê conforto dentro do banheiro e a trocar fraldas em tempo recorde.

Um parágrafo que elaborava demorava horas para se materializar na tela.

Qualquer esboço de choro eu parava para ver o que era.

Pegava no colo.

Brincava.

Cantava.

Dava o peito.

Voltava para o computador.

Reorganizei a sala de forma que eu conseguisse escrever olhando para ele.

Passei a explicar que a mamãe ia trabalhar para terminar a tese e que era importante para mim e para ele também.

As vezes ganhava uma gargalhada.

Aí enchia de beijos e abraços e demorava ainda mais para retomar o texto.

Uma sensação de estar em câmera lenta.

Como se eu estivesse numa roupa de astronauta andando na lua com caneleiras de cinco quilos em cada perna.

Um dia acordei animada e confiante de que iria avançar bastante naquela manhã.

Depois dos costumeiros cuidados pós mamada como banho, creme hidratante no corpo todo, massagem shantala com umas gotinhas de óleo de lavanda para ajudar na digestão, pomada antiassaduras, troca de roupa e limpeza de gengiva com gaze umedecida, coloquei o Héctor sentado no tapete da sala forrado com um lençol, apoiado em diversas almofadas e com brinquedos ao redor.

Estava bem e alegrinho.

Escrevi umas oito linhas.

Conferi uns dados.

Finalizei uma tabela.

Escutei um grunhido.

Ele me olhou e percebi no rostinho a expectativa de uma catástrofe.

Um coco meio mole que escapou pelo macacão, subiu para a nuca e vazou pelas pernas.

Não sabia por onde começar.

Não há metodologia que dê conta dessa estratégia.

Fiquei uns minutos parada pensando no que fazer.

Peguei o bebê com o lençol e os brinquedos afetados e fomos todos para o chuveiro.

Há um tempo outro na maternidade.

Imprevisível.



Não ensinam a gente que na pós-graduação o cronograma deve ser de trás para a frente.
Da previsão da defesa temos que contar com a possibilidade de reserva do auditório, aceite dos cinco professores avaliadores para dia e hora possível para todos, preenchimento e entrega de formulários com dados pessoais, o tempo de leitura para a banca analisar o texto, revisão da tese, o período para que o orientador possa ler, sugerir e fazer correções.
Vi que já estava atrasada há meses.

Minha previsão inicial de conseguir terminar nas horas de sono do bebê foi totalmente insensata.

Há uma incompatibilidade de tempo entre a maternidade e a produção de um texto acadêmico desse porte.

Fui me arrastando, terminando por etapas, em crises profundas de me sentir incapaz e a culpa de não estar o tempo todo com o neném.

Negocieei prazos e um dia achei que estava pronto.

Um mês e dez dias antes do último dia possível para a defesa no programa.

Arrumar malas, viagem, apresentação, organizar lanche.

Dezoito de dezembro.

Cheguei cedo para verificar como seria o melhor para acomodar o Héctor de forma que o pai pudesse me avisar quando ele quisesse mamar.

Entre críticas, sugestões e questionamentos meu pensamento estava nele.

Foram duas mamadas num período de seis horas.

Intervalo para todos.

Uma colega da pós se aproximou.

Assim é mais fácil, né?

O quê é mais fácil?

Defender dando de mamar. Sensibiliza a banca. Trazer o bebê.

Respirei fundo e disse que sim, que tudo tinha sido bem fácil.

Muito fácil.

Ultra fácil.

Incrivelmente fácil.



Cada segundo ao seu lado é força movente.

Título de doutora em educação.

Dinheiro do acerto do último emprego terminando.

Bebê dormindo melhor.

Comendo alimentos sólidos, frutinhas, tomando água.

Começando a engatinhar.

Recebi um aviso de um concurso para professor universitário numa cidade do interior paulista relativamente próxima.

Negocieei com o pai do Héctor as possibilidades financeiras para ir prestar o concurso.

Pastas e pastas de documentos que deveriam ser entregues pessoalmente.

Lista de pontos que poderiam ser solicitados na prova.

Passei a estudar de forma sistemática na intenção de conseguir a vaga.

Reservamos uma pousada com dois quartos, para que eu tivesse um espaço para me preparar para as etapas, e outro, que meus pais estariam com o neném.

Nas vésperas da data marcada chegou um email informando que o concurso seria adiado por duas semanas.

Cancela hotel, paga multa e estuda mais um pouco até o dia.

Viagem, expectativa e um tema para a prova escrita que eu tinha estudado demais.

Toda empolgada no quarto, me dividia entre atenção em brincadeiras e livrinhos infantis e os artigos científicos.

Fiz um texto lindo cheio de referências e conceitos importantes. Tinha que aguardar até o outro dia quando haveria a leitura pública do escrito e a nota da banca.

Todos os candidatos leram e depois soltaram as notas.

Quatro.

Quatro de dez foi o que eu tirei.

Uma colega da pós, candidata à vaga, tirou por volta disso também. Ficamos muito indignadas, afinal, tínhamos uma formação sólida na área e sabíamos o que estávamos fazendo.

Um as três pessoas tiraram nota acima de sete e, uma moça, nota nove.

Saí da sala arrasada.

Encontrei meus pais que estavam com o Héctor no jardim da faculdade e contei o que tinha acontecido. De longe vi a cena da candidata bem sucedida abraçando uma senhora e pegando um bebezinho no colo.

Minha mãe havia conversado com a mãe dela.

O bebê tinha quinze dias.

Quem presta um concurso com um bebê recém-nascido?
Ali entendi que nem sempre o mundo acadêmico é justo.



Aos poucos fui me organizando para as publicações, para outros concursos e para uma divisão melhor do meu tempo com o Héctor já maiorzinho.

Quando ele dormia eu trabalhava como pesquisadora.

Durante o dia me dedicava a acompanhá-lo nas brincadeiras e descobertas do mundo.

Morávamos numa casa com quintal não cimentado.

Nessa época já estava andando e gostava de regar plantinhas, olhar os passarinhos, pegar pedrinhas.

Ao lado de uma floreira havia um tubo de escoamento de água de chuva. Um dia, enfiou um carrinho no buraco e para nossa surpresa apareceu um sapo. Um bufo. Enorme.

Expliquei que bicho era e o que ele gostava de comer.

Ficamos acompanhando a vida do sapo.

Nestor.

Héctor chamava o sapo e logo ele aparecia. Pegava e colocava debaixo do braço.

Andava por perto da goiabeira.

Vimos muitas vezes o sapo comendo algo das goiabas.

Talvez algumas larvas.

Dedicar-se a viver as horas com uma criança é promover pausas que são atenção plena no que acontece.



Eternizei na memória ele correndo, sorrindo, com uma camiseta azul.

Já tinha conseguido publicar uns três artigos, diploma do doutorado em mãos, bebê virando criança.

Achei que com dois anos seria uma boa hora para colocá-lo meio período em uma escolinha.

Escolas tristes, bagunçadas, com falta de segurança, cozinha suja, muitos alunos juntos.

Fui numas onze.

Até que achei uma colorida, organizada e com pessoal acolhedor.

Combinamos como seriam os dias de adaptação.

O primeiro foi fabuloso. Fiquei com o Héctor o tempo todo nas brincadeiras, parquinho, refeitório.

Saiu feliz e eu também.

O segundo seria para que, no meio de uma atividade, eu pudesse ir me afastando para que ele não percebesse a minha ausência.

Não deu certo. Quando me levantei ele já me olhou e pediu para ficar.

A professora insistiu para que eu saísse.

Berros e um choro sentido que não tive como obedecer ao protocolo.

Terceiro dia.

Desconfiado se eu iria ficar ali com ele, grudou no meu colo de um jeito que foi difícil convencer a ficar com os coleguinhas.

Não ficou.

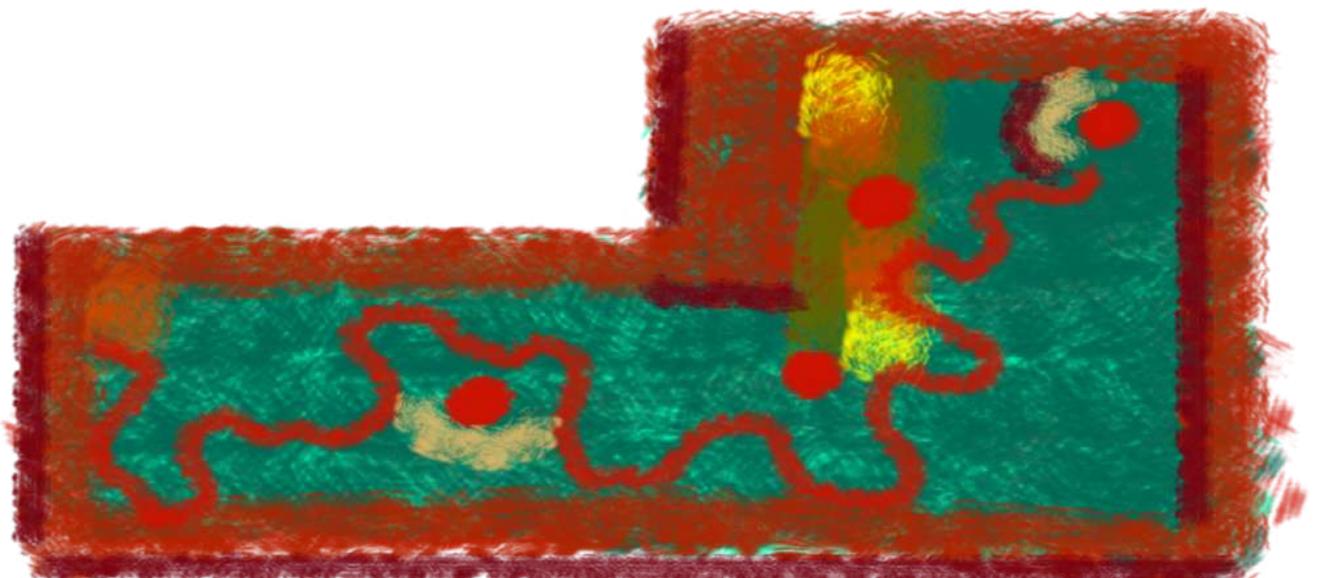
Quarto dia.

Não queria ir. Chegando na portaria começou a chorar e pedir para eu não ir embora.

A professora o tirou dos meus braços e levou para dentro.

Escutava o choro a metros de distância.

Foram vinte dias para começar a ir para a escola sem tristeza.



Prestei dois concursos para professora substituta.

No primeiro, com bebê de colo e ainda amamentando, fiz a prova com ele ao meu lado no carrinho. Fui questionada pela professora titular da banca, mesmo sem haver especificação para entrevista no edital, se o meu filho não atrapalharia o meu desempenho docente, se eu tinha algum familiar com quem poderia deixa-lo, e se eu iria proceder com o desmame em breve.

Respondi que não.

Não, meu filho não me atrapalha nunca.

Não tenho nenhum parente na cidade.

E complementei de que a amamentação estava sendo em livre demanda.

Resultado: reprovada.

No segundo concurso, para aulas na graduação e no colégio técnico da universidade, coincidiu das provas serem no mesmo horário da escolinha. O tema da prova didática foi dengue. Levei uma maquete do mosquito, da poça d'água, dos ovinhos presos com velcro dupla face.

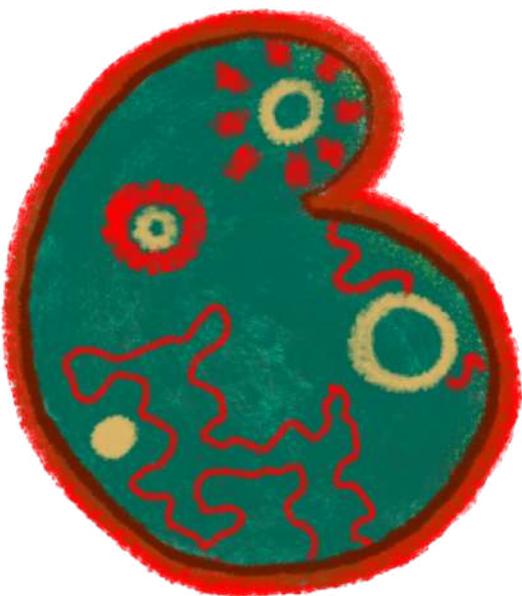
Resultado: aprovada.

Quase um ano atuando como temporária e surgiu a oportunidade de um concurso para professora efetiva. No intervalo das vinte e oito aulas semanais e, no tempo após preparação dos planos e atividades didáticas enquanto o Héctor dormia, eu estudava.

Em casa, com ele, fazíamos passeios ao ar livre, montagem de pecinhas de construir, cabana na sala, livros de história e preparo conjunto de refeições.

Passei e pude administrar melhor a minha rotina, distribuindo dias específicos para as aulas, orientações, grupo de pesquisa, estudo e produção de textos.

Após um dia de trabalho, me dedicava ao convívio infantil e às infinitas atribuições domésticas.



Sua alegria é a minha motivação diária.

Quando iniciei a carreira acadêmica tinha duas vontades.

1. Mandar fazer um carimbo com meu nome, universidade e endereço para colocar no verso de correspondências, livros e notas impressas.

2. Ser convidada para integrar uma banca de defesa de tese de doutorado.

O carimbo, daqueles personalizados com almofada embutida, fiz semanas após ser empossada.

O convite para a banca demorou um tanto mais.

Héctor estava com quatro anos quando, numa manhã, abri a lista de mensagens no computador e recebi uma carta do programa de pós-graduação da universidade em que me formei.

Convocação para compor o quadro de professores para uma defesa de doutoramento.

Fiquei eufórica.

Era o reconhecimento de que o que vinha estudando poderia contribuir com aquela pesquisa e que eu, de fato, poderia me considerar apta a orientar estudantes de doutorado.

Um mês para ler, fazer sugestões e organizar a viagem para o dia especificado.

Passagem comprada com recursos de um órgão de fomento.

Diárias, para garantir minha ida, depositada na conta.

Fiz anotações detalhadas apontando recomendações, com indicação de leituras e referências.

Ficou um texto primoroso e eu estava muito empolgada para participar da defesa, na qual um professor querido, que havia ministrado uma disciplina durante a minha graduação estaria presente.

Véspera do esperado momento.

Escutei: *mãe, vem aqui, minha barriga está doendo!*

Febre, náusea, dor de cabeça, cólica, diarreia com muco e muito medo.

Uma aflição para conseguir um encaixe com a pediatra.

Espera com sensação interminável.

Shigelose.

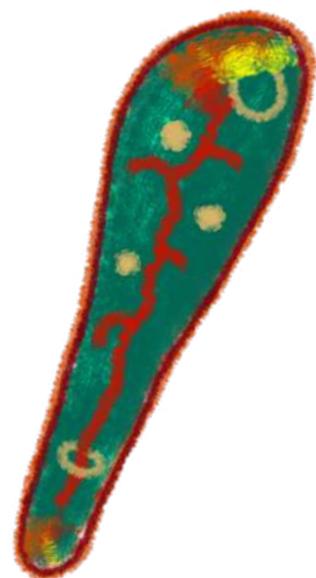
Infecção por *Shigella* sp.

Provavelmente oriunda de um restaurante japonês onde fomos dias atrás.

Recomendação médica: muito repouso e hidratação.

Menino prostrado na cama.

Menos de dezoito horas para a defesa. Encaminhei meu parecer com pedidos profundos de desculpas, devolvi os recursos financeiros e fui cuidar, amorosamente, dele.



Na primeira escolinha ficou somente um semestre.

Começou a voltar para casa com marcas de mordida, roxo nas canelas, arranhão nos bracinhos. Questionei a professora, a assistente, a coordenadora e ninguém sabia o que estava acontecendo.

Todos os dias perguntava para ele quem estava fazendo aquilo.

Com dois aninhos e meio talvez não conseguisse entender muito bem o que eu estava querendo saber.

Passou a não querer ir mais, de jeito algum.

Fui conversar com a diretora.

Mãe, você tem que entender que aqui recebemos alunos de famílias muito diversas e pode ser que alguma criança esteja tendo esse mau comportamento por problemas em casa.

Não entendi.

Nos horários de almoço ia peregrinando, de escola em escola, para ver se encontrava uma mais afetuosa.

Fomos para a etapa de adaptação em uma enorme, com mais de dois mil alunos, do maternal ao pré-vestibular.

Três andares de salas de aula, mas com as turmas de educação infantil em um bloco separado.

Um ano e meio de sorrisos e disposição para encontrar os amiguinhos e brincar no pátio.

Todos os dias levava o Héctor para a escola, saía da universidade e passava para busca-lo.

Cumprimentava o porteiro, as monitoras de pedagogia que ficavam brincando com as crianças separadas por idade, e falava um pouquinho com a professora.

Um dia, entrei e fiz todo o ritual de saudações, mas não localizei o Héctor.

Ah ele deve estar na sala com a professora.

Nada.

Ah ele deve estar na biblioteca.

Nada.

Ah ele deve estar na cozinha.

Nada.

Ah ele deve estar na quadra.

Nada.

Quarenta minutos de desespero em nível espetacular.

Não tem câmeras de segurança aqui?

Ninguém viu o menino sair?

Não sentiram falta dele?

Eu já estava com o celular na mão para ligar para a polícia quando imaginei que ele poderia estar brincando em algum lugar. Perguntei onde havia um vão de escada. Andamos para um outro pavilhão e de longe vi a perninha se mexendo na calça do uniforme.

Um alívio paralisante.

E novamente ficamos sem escola.

O tempo e a logística com uma criança pequena não são compatíveis com a produção acadêmica.



Quatro anos e meio de um menino alegre.

Encontramos uma escola afastada do centro da cidade, com parque ao ar livre, horta, bosque com árvores frutíferas, bichos soltos no quintal e um programa educativo que tem a criança como protagonista da própria vida e da aprendizagem.

A coordenadora pedagógica descobriu minha formação e, após uns meses do início das aulas, me convidou para conversar com a turma do primeiro ano do infantil sobre o que é ser pesquisadora e acompanhar um projeto coletivo que iriam iniciar.

No final de uma tarde, cheguei na sala e a professora convidou os vinte pequeninos a sentarem em semicírculo para receberem uma visita especial: a mãe do Héctor que é uma cientista!

Quando entrei, havia muitas carinhas de entusiasmo com sorrisos e questionamentos.

Você é de verdade?

Por que você veio ver a gente?

Ela é sua mãe, mesmo?

Você trabalha?

Você é da televisão?

Você come fruta?

Minha mãe pode vir também?

Fui respondendo e perguntei: sabem o que faz uma cientista?

Não!

Faz perguntas.

Gargalhadas e um monte de comentários.

Eu sou cientista!

Eu também!

E sabem o que a cientista faz depois que faz perguntas?

Não!

O que será que ela faz?

Responde?

Sim! E como faz para responder o que não se sabe?

Pergunta para a professora.

Ou para a mãe.

E como faz se a professora ou a mãe não sabem?

Pergunta pro meu tio.

E se ele também não souber?

Lê no livro.

E se no livro também não tiver a resposta?

Ixi!

Convidei para que eles pudessem pensar numa pergunta. Alguma coisa que gostariam de saber e não tinham ideia se a mãe, a professora ou o tio saberiam.

Eu quero saber se tem pé de balinha de goma.

Risos.

Professora, você sabe se tem pé de balinha de goma? Respondeu que não sabia sacodindo a cabeça.

Como vocês poderiam fazer para saber se de uma balinha de goma pode nascer uma árvore?

Como é que nasce árvore de outras coisas?

Da sementinha!

É, tem que plantar, aí nasce.

Então o que vocês podem fazer com a balinha de goma para encontrar essa resposta?

Colocar uma balinha no vaso e regar para ver se vai aparecer um brotinho.

Muito bem!

E desse encontro surgiu a proposta de uma investigação.

Queriam saber como a gente é por dentro.

Num segundo momento fui ajudar a organizarem as perguntas e o que poderiam fazer para obter as respostas.

Como que vocês podem fazer para saber como somos por dentro?

Olhar dentro da boca!

Nos buracos do nariz!

E na orelha!

E assim começou.

Semanas depois eu fui chamada para acompanhar o que estavam formulando de hipótese para a pergunta.

A gente queria saber como a gente é por dentro.

Daí a gente pegou e começou a olhar com uma lanterna dentro da boca de todo mundo aqui da nossa sala. E da orelha e do nariz também.

E da professora.

E a gente viu que lá dentro é escuro.

Sim! Muito escuro.

E aí a gente pensou porque que a gente é escuro por dentro.

Mesmo? E o que vocês pensaram?

Que a gente é escuro por dentro porque lá na barriga da mamãe também é escuro, e a gente é um bebezinho minúsculo que vai crescendo, crescendo, e quando a gente vai crescendo lá dentro, a gente engole o escuro da barriga.

Por isso que é escuro por dentro.



Seu bem-estar é meu remanso.

Seis anos de Héctor.

Maior paralisação das universidades federais. Adesão de 95% das instituições.

Meses sem aulas.

Ações do sindicato para informar à população as razões da manifestação.

Notícias nos telejornais de que os professores estavam reivindicando por melhores condições de trabalho e salários, mas que o movimento colocava em risco a carreira de milhares de estudantes que não iriam conseguir se formar e que já tinham emprego garantido.

Manchetes categóricas: greve de docentes ameaça universitários!

Professores paralisados decidem manter a greve.

Greve de professores afetará acadêmicos.

Professores fecham reitoria.

Professores não aceitam proposta e greve continua.

Paralisação dos professores universitários é um desastre para o país.

Professores seguem em mais um mês de greve.

Docentes das federais continuam de braços cruzados.

Lousas vazias nas universidades.

Professores grevistas prejudicam o alunado.

Mãe?

Oi, amor.

Você não é professora?

Sim.

E cientista?

Sim.

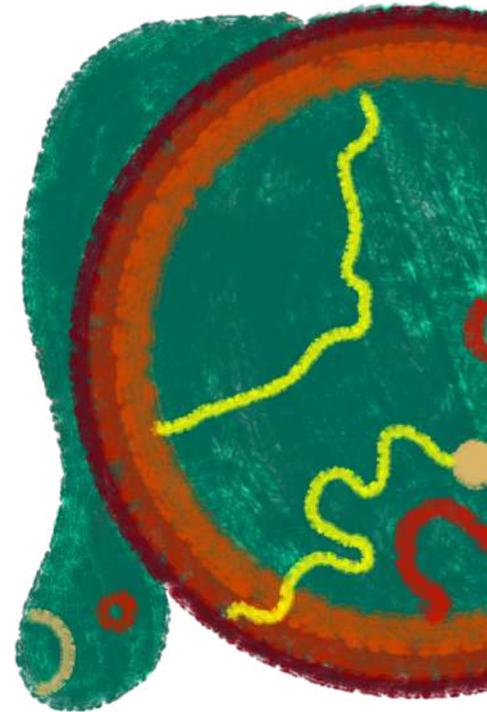
Expliquei que no Brasil a ciência é feita nas universidades onde o professor e a professora trabalham com as aulas e com a pesquisa, formam alunos que depois de um tempo também podem se tornar cientistas e serem contratados em universidades como professores que irão formar outros alunos que também poderão se tornar cientistas.

Então é os dois?

Cientista e professor?

Sim.

E por que no jornal não diz: cientistas do Brasil estão em greve?



Com o novo currículo da graduação, assumi aulas no curso de licenciatura noturno.
Combinei com uma aluna de mestrado de ficar com o Héctor enquanto estava na universidade e de remunerá-la com uma diária além de um jantar caprichado.
Quarta-feira era aguardada com exaltação.
Teve aniversário de oito anos, e de nove anos, nesse esquema.
Chegava e a casa estava de ponta cabeça, com almofadas espalhadas na sala utilizadas de apoio para cambalhotas, pecinhas de lego por todos os cantos, e um cheiro de ternura no ar.
Esperava ela chamar o uber e descíamos para nos despedir com abraços apertados.
Numa noite, combinou do namorado busca-la.
Descemos e ficamos conversando um pouco na porta do prédio.
Nisso, um morador de rua passou e nos perguntou se tínhamos fósforo ou isqueiro que ele precisava esquentar uma comida num fogareiro e não estava conseguindo.
Não tinha em casa.
Fogão de acionamento elétrico.
Nenhum fumante.
Oferecemos dinheiro que era o possível naquela situação.
Ele continuou afirmando que precisava de fósforos porque mesmo com moedas não teria onde comprar.
Fiquei muito chateada, mas não tinha como auxiliá-lo.
Subimos para o apartamento e Héctor desabou a chorar.
Estava consternado.
Ficou muito comovido com a condição do rapaz.
Entre um soluço e outro me perguntava:
Mãe, por que não tem pesquisa para isso?
Por que a ciência não ajuda essas pessoas, mãe?
Por que ainda tem gente passando fome?
Por que aqui em casa tem de tudo e ele não tem nem um fósforo para esquentar a janta?
Hein, mãe?



O que faço de melhor é ser mãe do Héctor.



UMA
VIDA PARA
UMA
METODOLOGIA
DANIELA FRANCO CARVALHO

Uma vida para
uma
metodologia



Pedro & João
editores

Daniela Franco Carvalho

Uma vida para
uma
metodologia



Pedro & João
editores

Copyright © Daniela Franco Carvalho

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Daniela Franco Carvalho

Uma vida para uma metodologia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 35p. 12 x 22 cm.

ISBN: 978-65-265-1512-9 [Digital]

1. Narrativa. 2. Biologia. 3. Arte. Metodologia de pesquisa. I. Título.

CDD – 800/370

Capa: Marcos Della Porta

Ilustração da capa: Sarah de Assis Andrade

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

Para minha amiga Nise, companheira em delírios por uma educação amorosa, que agora me acompanha como energia pulsante por entre roseiras. Sua irreverência e afeto se fazem presentes cotidianamente na minha docência. Se hoje eu pesquiso o que quero é pelo seu incentivo para que sejamos, sempre, exatamente o que somos.

Tim-tim!

Idealizei essa escrita logo após a defesa de trabalho de conclusão de curso de uma aluna da graduação. Um texto ousado, com articulação teórica e conceitos complexos da educação na interface com a arte e a ciência. Alguns elogios da banca e, de repente, o comentário de uma professora: *sua metodologia não está clara, precisa ser mais elaborada.*

A estudante ainda tentou explicar que era um campo novo, com poucas referências, mas em vão.

A crítica estava posta

Fiquei pensando sobre a crueldade de se exigir de alguém tão jovem uma **metodologia** bem definida se desejamos processos criativos na pesquisa. Para que possamos romper com práticas metodológicas já estabelecidas e delinear outros caminhos de investigação, há sempre as lacunas, o meio, a falta, o processo.

Estava impactada com a expressão assertiva da necessidade de clareza **metodológica**.

Olhei para mim e para o que tenho produzido academicamente nos últimos vinte anos de docência universitária.

Qual clareza eu tenho?

Desde quando o que eu pesquiso está realmente estruturado metodologicamente?

A experiência que tenho com uma **metodologia** inventada, a partir da prática, é muito recente.

A minha trajetória como pesquisadora foi atravessada por inúmeras estradas vicinais que me colocaram exatamente onde me encontro hoje.

Fazia balé e teatro com uns treze anos. Estava decidida a seguir carreira como atriz e viajar o mundo interpretando o que viesse. Mas, como adorava cozinhar, fui intensamente estimulada pela minha mãe a fazer um colégio técnico em alimentos, que poderia ser algo parecido com gastronomia. Numa época em que a vida era totalmente analógica, não fui confrontada com informações de inteligência artificial sobre o projeto pedagógico do curso para saber que não se tratava de nada parecido.

Recordo de que o primeiro contato que tive com o assunto, que ainda permanece latente no meu foco de interesse, foi durante uma aula de microbiologia quando me deparei com uma lâmina de leveduras vivas num microscópio. A sensação que tive foi de ser transportada para um universo paralelo, em que seres jamais imaginados estavam se juntando à minha retina, em processos de reprodução por brotamentos. Umas coisas fofas que se deslocavam na coluna d'água junto à lamínula. Saí desse transe hipnótico com uma

colega cutucando o meu braço para que eu pudesse deixá-la ver também. Tal qual a perplexidade de quem assiste ao espetáculo multicolorido de fogos de artifício, de boca aberta, desgrudei da bancada do laboratório fechando os olhos com força para gravar a cena.

Pronto! Já estava decidido: iria me tornar microbiologista.

Passei a auxiliar as aulas das turmas posteriores à minha como monitora e aprendi procedimentos mais avançados de esterilização e assepsia. Quando terminei o curso, soube de uma vaga para analista em uma fundação de pesquisa em microbiologia. Fui lá. Era muito jovem, mas como já tinha experiência na área, fui contratada no mesmo dia. Comecei como auxiliar de uma funcionária que tratava todo mundo de forma muito hostil, com constrangimento e falas desagradáveis em meio a punições por atrasos, falhas e desconhecimento.

Inaugurei a série de maus tratos no dia em que ela me perguntou se eu já tinha preparado meio de cultura. Respondi que sim, titubeando. *Então vigia a panela de pressão e, quando começar a sair vapor, conta dez minutos, desliga e inclina.* Fiquei toda linda ao lado do fogão, com cronometro na mão, jaleco branco de manga longa, coque no cabelo, touca e o coração palpitando. Apitou, deliguei e inclinei a panela. Fiquei lá esperando a moça voltar. Quando voltou, começou a gritar me perguntando o que eu estava fazendo. Somente depois de muita reclamação fui entender o que significava inclinar: tirar o frasco da autoclave, levar para uma câmara de manipulação e distribuir nas plaquinhas de vidro para que o meio de cultura solidificasse e pudesse ser guardado para uso em experimentos.

Depois desse dia vivi outros episódios em que ficava me perguntando se gostava tanto assim do que fazia para conseguir suportar aquele ambiente tão agressivo. E passei a ajudar todos os novatos que entravam como estagiários a evitarem passar por essas cenas de humilhação. Em poucos meses virei uma referência para dicas, auxílios e orientações. Tanto que o gerente do lugar me chamou para uma reunião. Fui promovida e a minha chefe, demitida. Ao assumir um cargo com maiores responsabilidades precisei estudar muito mais e me dedicar a compreender processos laboratoriais que o meu curso não tinha abordado.

Métodos de análise

Fui entendendo um fazer próprio da área e uma sincronização das atividades para que o resultado pudesse ser validado. Ali passei a entender que o que eu estava fazendo era ciência. Produzíamos conhecimento sobre bactérias e fungos que muitas vezes nunca haviam sido pesquisados por ninguém.

Apreendi sobre a organização de um artigo científico e para que servia, consulta a bases de dados, importância de apresentar resultados em eventos e tantas outras perspectivas científicas.

Nessa época estava no cursinho pois queria fazer biologia e depois mestrado e doutorado em microbiologia, ser bem famosa e trabalhar num instituto de ponta. Quando o gerente soube da minha intenção me ofereceu outro emprego: de técnica no laboratório que ele coordenava na universidade. Nem sabia o que iria fazer ou onde era isso e já disse que sim.

Fui contratada e passei a auxiliar os docentes nas orientações de estudantes de pós-graduação durante o dia e, à noite, realizava a graduação em Ciências Biológicas. Foram anos de pesquisa e aprofundamento de procedimentos **metodológicos**. Trabalhos publicados em inglês, viagens para congressos, recepção de pesquisadores estrangeiros, muita leitura, dedicação e empolgação com o que fazia. Concluí o mestrado estudando bactérias que degradam compostos oleosos tóxicos e, em seguida, ingressei no doutorado na mesma temática com bolsa de uma fundação de amparo à pesquisa.

Um dia, uma estudante da pós que estava grávida perguntou se eu não gostaria de assumir uma vaga temporária na faculdade particular em uma cidade próxima, na qual ela trabalhava, para substituí-la durante a licença gestante. Fiquei entusiasmada e resolvi aceitar. Conversei com a minha orientadora que me apoiou na época, pois era somente uma tarde por semana e não iria atrapalhar minhas atividades de pesquisa. Um curso de medicina veterinária com uns cem estudantes na sala de aula e eu com quase a mesma idade deles. Como fiz licenciatura na expectativa de ser microbiologista, não aproveitei as disciplinas pedagógicas, e me vi ali numa situação complexa sem ter muita ideia do que fazer mesmo sabendo muito sobre o conteúdo que teria de ser ministrado. Decidi que iria organizar os alunos em grupos de trabalho e passar um exercício sobre algo relacionado com a clínica médica para que pudessem encontrar uma solução que envolvia conhecimentos sobre a microbiologia para discutirmos em conjunto. Foi um sucesso. Depois de um tempo soube que estava adotando uma proposta de *ensino baseado em problemas*.

O reitor quis me conhecer porque correu a notícia de que tinha uma professora dando uma aula diferente. Dezenas de perguntas do tipo o que você faz e o que quer fazer. Tal qual a brincadeira do foguetinho no programa domingo no parque eu só falava sim. Quer? Quero.

E assim eu quis planejar uma proposta de criação de um curso de biologia por lá. *Tem que fazer o projeto pedagógico, pensar no currículo, na equipe de professores, na fundamentação educacional da proposta*. Respondia com calma e tranquilidade, mas internamente estava tremendo, lembrando dos dias em que faltei às aulas de **metodologia** de ensino, das minhas notas

medianas em práticas educativas e na falta total de embasamento teórico.

Dividia meu tempo entre as viagens para ofertar a disciplina de microbiologia, experimentos do projeto de doutorado e a leitura de Paulo Freire, Ilma Passos, Miguel Arroyo, José Carlos Libâneo, José Gimeno Sacristán e Dermeval Saviani. Aos poucos fui me interessando cada vez mais pela educação - democrática, libertária, transformadora - e quando percebi estava com uma pilha de livros quase do mesmo tamanho dos compêndios sobre biologia.

Sentia uma vontade enorme de reencontrar meus professores da pedagogia para contar minhas descobertas, as tantas percepções que estava tendo sobre a formação de pessoas e sobre a minha própria.

E assim os meses foram passando e eu ia tentando dizer para quem eu encontrava no laboratório, durante os longos experimentos do doutorado, sobre meu desejo de que aquilo que a gente fazia como pesquisa pudesse ser contado para as outras pessoas. Resolvi organizar uma atividade durante um evento conhecido como universidade aberta e alguns colegas da pós-graduação se envolveram. Montamos as bancadas com lâminas de microrganismos, placas com colônias de fungos e bactérias, amostras de detergentes produzidos por esses seres quando estão num meio oleoso e fizemos uns cartões explicativos sobre esses assuntos. O dia da visita chegou e foi sensacional vivenciar o movimento dos estudantes e a curiosidade com o que estávamos mostrando. Um cansaço extremo, mas o coração quentinho.

Adorei tudo aquilo

Faltava um ano para concluir o doutorado e fui para um congresso na Austrália. Entre uma atividade e outra, saía para dar uma passeada. E foi quando me deparei com um museu de ciências em Melbourne que me pareceu um portal. Um oráculo. Uma fenda cósmica. O verdadeiro castelo iluminado pelos poderes de Grayskull. Achei tão sensacional que poderia morar lá para sempre. Mesmo com certa dificuldade com a língua, acompanhei várias atividades mediadas e fiquei totalmente encantada no dia em que receberam mães com bebês de colo e outras crianças bem pequenas. A bióloga que recepcionou o grupo puxou uma gaveta de um armário de madeira e começou a tirar os besouros multicoloridos das caixinhas e colocar nas mãozinhas abertas. Depois pegou uma lupa e foi mostrando as asas, as antenas, as patinhas. Fiquei muito comovida. Eu me vi ali. Queria fazer aquilo também. E passei a visitar todos os outros museus de ciências e de história natural que encontrava pela frente.

Voltei mexida

Muito mexida.

Resolvi procurar o professor da graduação que havia me orientado no estágio supervisionado na escola pública que estudei quando era pequena. Tinha sido uma experiência tão marcante que senti que ele poderia me ajudar a pensar o que estava acontecendo comigo. Conteí sobre o meu desejo de trabalhar com educação, em museus de ciências, divulgando os conhecimentos microbiológicos ou algo assim. Não sabia ao certo e faltava muito pouco para terminar o doutorado. Foi quando uma pergunta surgiu ecoando na sala: *esse doutorado que está fazendo, ainda faz sentido para você? Porque se não faz mais sentido, larga isso e vem prestar o processo seletivo daqui.*

Saí tropeçando, com as pernas bambas, e sentindo um frio na barriga.

Uma dúvida gigante

Com as pessoas próximas que eu conversava sempre tinha uma sugestão para terminar e depois ir em busca de fazer o que eu queria. Até tentei, mas eu estava muito entusiasmada em trabalhar com educação e realmente não conseguia prosseguir desenvolvendo aquela pesquisa aplicada.

Decidi desistir

Marquei horário para conversar com a minha orientadora. Fui explicando e percebendo que ela estava me olhando como quem assiste à cena do chuveiro no filme *Psicose*. Num impulso, segurou o meu braço e me perguntou se eu estava ficando louca. Fiz que sim com a cabeça, pedi desculpas e reforcei que não podia mais. Ela me explicou que eu teria que devolver os três anos de bolsa e que não poderia fazer mais nada por mim.

Fechei a porta do laboratório sentindo um peso imenso, numa mistura de arrependimento e alívio. Fui para a casa dos meus pais para pensar melhor o que deveria fazer. Naquela época, eu estava recém-casada, sem poupança, sem emprego e na ameaça de ter que devolver uma quantia que daria para comprar um carro. Expliquei a situação. Minha mãe que sempre me apoiou a seguir carreira universitária falou de supetão que era para eu largar mesmo, irritada com o ocorrido. Meu pai, com a tranquilidade de sempre, me perguntou se eu tinha certeza de que não queria mais. Respondi que sim. Aí ele me disse que era para eu notificar o órgão de fomento sobre a minha decisão e, caso precisasse, ele faria um empréstimo no banco e devolveríamos o dinheiro.

Ouvir aquilo foi plainar sobre nuvens de ternura

Hoje compreendo a força dessas palavras e o privilégio de poder contar com o acolhimento de quem me gerou.

Em pouco tempo elaborei a justificativa sobre a suspensão da bolsa, fiz o projeto para o doutorado em educação e fui contratada na universidade privada para coordenar a proposta do novo curso de Ciências Biológicas.

Não precisei devolver os valores porque a câmara de assessoramento entendeu que eu já tinha cumprido com minhas obrigações com três artigos internacionais publicados no período. Recebi uma cartinha na qual me desejavam boa sorte.

E fui aprovada para cursar o doutorado em educação

Peito em batucada tal qual a quadra do Salgueiro em dia de ensaio próximo ao carnaval.

Fui alinhando as aulas, a coordenação do curso, os estudos e o acompanhamento do grupo de pesquisa em educação em ciências para conseguir ir estruturando uma proposta de investigação para o novíssimo doutorado. No meio disso tudo, passei a atuar com divulgação científica de forma mais frequente e mais sistematizada. Tive a iniciativa de organizar um grande evento anual na universidade que estava trabalhando em que os cursos faziam uma mostra de conteúdos de forma interativa, com bandas de música, teatro ambulante e carrinhos de pipoca com ônibus gratuitos para o deslocamento da população. Esse evento se transformou em um centro de ciências e por meio dele passamos a atender, junto com o setor de serviços comunitários, bairros em situação de vulnerabilidade. Levávamos microscópios, lupas e lâminas para que os moradores pudessem observar o que desejassem. Tinha de tudo... cera de ouvido, caca de nariz, pelo, caspa, cuspe, terra, semente, água, minhoca. E, por meio dessa mobilização, passei a ter mais contato com professores das escolas que sediavam essa atividade e comecei a receber convites para ofertar cursos e oficinas de formação continuada sobre temas relacionados às ciências naturais.

Gostava dos encontros, das discussões, das possibilidades de envolvimento

E sempre afirmava que tudo aquilo que fazíamos juntos poderia ser proposto pelo grupo, sem necessidade da minha presença. Mas as respostas eram sempre no sentido de não se sentirem à vontade, não terem certeza da capacidade de condução, não dominarem o conteúdo. E com isso fui afunilando minha ideia para um tema da pesquisa no doutorado. Queria saber como os museus e centros de ciências no país contribuía para a formação de professores.

E assim, escrevi o primeiro projeto para atender a um edital de financiamento e consegui apoio para realizar a pesquisa em espaços museais nas cinco regiões brasileiras. Nessa época, o meu orientador com muita atenção e afeto sugeriu que eu realizasse entrevistas com as equipes dos museus para saber informações sobre esses processos formativos, o que iria se constituir num estudo de caso. Aceitei sem elaborar muito o que essa **metodologia** impactaria nos resultados e na minha própria perspectiva enquanto pesquisadora. Fiz as malas e fui conhecer onze lugares de divulgação científica. Descrevi e analisei catorze programas de formação de professores ofertados. Categorizei as ações em modelos de formação: cursos clássicos, oficinas prático-reflexivas e grupos de trabalho emancipatório-político. Faltando exatos treze meses para o prazo

limite de conclusão da tese, descobri que estava grávida¹.

Foi um arrastar sem fim para concluir o texto de trezentos e duas páginas.

Por entre os comentários que se sucediam, em horas e horas de defesa, um professor veterano em ensino de ciências me questionou: *por que o centro de ciências que você montou não está aqui?*

Nunca tinha passado pela minha cabeça que eu poderia ter estudado o lugar onde pisava. Não me recordo que desculpa dei na ocasião, mas isso ficou me incomodando tal qual a pontinha da etiqueta de uma roupa recém-comprada raspando na barriga.

¹ A relação com a maternidade eu conto no livro “Mãe cientista”.

Não dava para desfazer a pesquisa

Sinto um misto de vergonha e entusiasmo quando penso no que produzi a partir do trabalho de outros, sem colocar o meu na roda. Sei que foi uma contribuição importante no campo da educação em museus e o possível nas circunstâncias do início dos anos 2000 com os embasamentos teórico-metodológicos que tinha.

Com o término da tese, investi alguns anos em textos oriundos da pesquisa, sem muita percepção do que gostaria de investigar a partir dali.

Quando fui aprovada em concurso público e iniciei as atividades como professora universitária me senti criança na praia de Atalaia em Aracaju, correndo por muitos metros na areia batida para me encontrar com a imensidão do mar. Percebi um oceano à minha frente, mas coloquei boias nos braços para molhar a ponta dos dedos dos pés.

Fui tateando a pesquisa com formação de professores no museu vinculado ao instituto que trabalho, ainda muito impregnada por um fazer que estava muito forte no grupo de pesquisa que participei durante o doutorado.

Repeti os passos metodológicos do questionário, da entrevista, da análise

E, numa tarde em 2008, uma orientanda de mestrado me disse que gostaria de embasar teoricamente a pesquisa que estava realizando, sobre os textos científicos nos livros didáticos de biologia, com o Bakhtin.

Com quem? Nunca tinha escutado sobre esse autor.

Comprei os principais livros e comecei a leitura. Fui e voltei centenas de vezes. Complexidades que foram sendo assentadas com o tempo. O processo de me deparar com um universo desconhecido e buscar trazer sentido para a minha vida e para o que desejava investigar no campo da educação em museus, me oportunizou uma transformação profunda. Passei a viver os conceitos de dialogia, evento único, ato responsável e tom emotivo-volitivo².

² Para introdução a esses conceitos recomendo: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Para uma filosofia do ato responsável*. tradução: Valdemir Miotello; Carlos Alberto Faraco. 3. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

Eu me percebi outra

Adotei uma prática de estudo frequente, com anotações em um caderninho, das frases marcantes ou daquilo que não compreendia muito bem. Passei a frequentar os eventos de rodas de conversas bakhtinianas com a presença de pessoas de diversos campos das ciências humanas. Num desses, a organização fez uma festa de aniversário para o Bakhtin, com bolo, balões coloridos, salgadinhos, música e parabéns. Uma celebração acadêmica em festa. Voltei tocada pelas possibilidades de uma pesquisa em atravessamentos por aquilo que acontece. Alegre. Colorida.

Uma pesquisa fonte da própria existência.

Uma pesquisa-evento

Queria isso para minhas orientações e escritos.

E fui fazendo parcerias com professoras e professores que também se movimentavam nesse querer. Encontros profundos de troca, de respeito e de vivências sensíveis em educações nas universidades públicas em que atuamos. E nesse ir e vir de gente querida, passei a ler as produções do grupo de estudos e pesquisas em educação continuada³, cujos trabalhos perpassam a pesquisa narrativa e conceitos teóricos de Bakhtin. Foi como saborear o meu doce preferido: de casca de laranja. Pensavam e traziam para o texto uma organização teórica e **metodológica** por meio da narrativa.

³ <https://gepec.fe.unicamp.br/>

Uma escrita viva do que acontece

Aos poucos fui fazendo uma transição de um pesquisar analítico para a produção de narrativas. Esse processo foi muito intenso não somente na devoção às palavras, mas na percepção de que a minha afinidade com a escrita esteve presente desde muito jovem.

Quando eu tinha dez anos, a professora da quarta série solicitou que fizéssemos uma redação falando sobre como queríamos que o mundo fosse. Lembro de ter perguntado se poderia ser o que quisesse. Podia. Fiz. Descrevi que estava no meu quarto e que, num segundo, tinha sido sugada pela televisão para o mundo que eu queria. Uma mistura de Jetsons, com Alice no país das maravilhas e Ilha das flores. Um mundo no qual a minha mãe não precisasse trabalhar tanto na casa, que minha irmã-bebê não chorasse, que ninguém mais passasse fome, que todas as crianças tivessem brinquedos e que os cachorros pudessem ir conosco em todos os lugares, inclusive na escola. Uma semana depois veio a nota: C. Por que C? A resposta: *ninguém é sugado para dentro da televisão. Não está realista.* Fiquei bem revoltada com a situação. Ela disse que podia ser do jeito que eu quisesse. Só que não. Umas semanas depois a diretora anunciou que iria mandar todas as redações que havíamos feito para um concurso da prefeitura que iria premiar os alunos com ingressos para o cinema, um troféu e entrevista na televisão. Para a minha surpresa, fui a vencedora na categoria da minha idade.

A facilidade com a escrita sempre me acompanhou e partia de um contar sobre mim, sobre

meus pensamentos, meus desejos, minhas impressões.

Com o passar do tempo, fui estudando mais sobre a pesquisa narrativa e compreendendo a produção dos textos de campo, ao longo do processo de escrita, e a composição dos textos de pesquisa que são elaborados a partir dos textos de campo em articulação com a fundamentação teórica⁴.

No período em que estava pesquisando de forma mais aprofundada as relações da mediação nos museus e a formação de professores para o ensino de ciências em espaços não escolares, soube de uma vaga no Museu de História Natural de Nova Iorque para um estágio técnico. Preenchi todos os documentos e me inscrevi. Fui selecionada e fiquei um tempo acompanhando as atividades do setor educativo. Na hora do almoço eu saía para passear nas redondezas e frequentei vários museus de arte contemporânea e galerias. Fiquei muito encantada com as produções artísticas, a criatividade e ousadia dos artistas. Passei a reparar no contexto das obras, como me provocavam, as técnicas utilizadas e a pensar o quanto de biologia e ciência percebia em diversas delas. Talvez muito mais do que nos dioramas do museu de história natural, onde os animais, vegetais, solo e pedras das vitrines não eram nada naturais, e sim produzidos com tecidos, resinas, ferro e madeira.

A mesma sensação que tive no museu australiano, vivi nos museus de arte contemporânea. Poderia passar o dia inteiro ali, em êxtase.

⁴ Para aprofundamento recomendo: CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. *Pesquisa Narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa*. Uberlândia: EDUFU, 2011.

Meu lugar no mundo

Ficava absorvida em pensamentos em múltiplas direções, em flashes de imagens que se aglutinavam diante de meus olhos fechados e que me faziam lembrar a lâmina de leveduras.

Anotei nomes, tirei fotos, fui atrás dos portfólios dos artistas e fiquei muito intrigada no que os motivava a produzir uma arte tão próxima do fazer científico.

Quando retornei, desejei profundamente conhecer os artistas brasileiros que fazem suas produções a partir de elementos biológicos. Viajava para ver exposições, conversar com alguns artistas, conhecer ateliês e fui adentrando num universo desconhecido. Passei a visitar regularmente a bienal de arte de São Paulo, a fazer estágios curtos em museus de arte contemporânea e a contribuir com equipes de setores educativos.

Numa viagem a Porto Alegre me deparei com a exposição *Memento mori*, do artista Walmor Correa: pranchas anatômicas gigantes de uma sereia, curupira, ipupiara e redomas de vidro com seres híbridos como um marreco com garras de caranguejo. Fiquei atônita. Comecei a discutir conceitos sobre ciências em minhas aulas da graduação com imagens dessas obras⁵.

⁵ Para saber mais sobre essa atividade: CARVALHO, Daniela Franco. Arte Contemporânea e Educação em Ciências. *Revista Interdisciplinar em Ensino de Ciências e Matemática*, v. 4, p. 1-18, 2024.

Um caminho sem volta

A arte foi se constituindo no ponto focal dos meus interesses de pesquisa.

E nessas aproximações recebi o convite para coordenar o educativo do museu universitário de arte. Eu, bióloga, no espaço de criação artística pensando com professores e mediadores a curadoria, expografia e atividades com o público visitante.

Na montagem de cada exposição, reunia os estagiários para conversarmos sobre as obras e a potencialidade de cada uma. No início havia uma resistência em dizer algo para além da dimensão técnica e sem saber o que de fato o artista gostaria de abordar ali. Sugeri a leitura de um texto⁶ para que pudéssemos nos lançar ao desconhecido, em aberturas. E fomos nos movimentando de forma a ter um primeiro contato com a obra para falarmos sobre nossas percepções e, somente posteriormente, saber sobre a técnica empregada e descrição da produção pelo artista. Foi um movimento⁷ muito rico, durante vários anos, que possibilitou uma estratégia de mediação tanto do público escolar como espontâneo.

A partir dessas experiências cresceu o meu desejo em estudar as interfaces da arte-biologia/arte-ciência no museu e para além dele. Convidei estudantes de graduação e pós e colegas professores da educação básica para compormos

⁶ CORSINO, Patrícia. Entre Ciência, Arte e Vida: a didática como ato responsivo. *Educação & Realidade*, v. 40, n. 2, p. 399-419, 2015.

⁷ Detalho esse movimento no texto: CARVALHO, Daniela Franco. Museu: espaço dialógico de formação. *REVISTA EM ABERTO - INEP*, v. 35, p. 143-156, 2023.

um projeto nessa perspectiva. Do projeto passamos a atuar como grupo de pesquisa⁸, num amálgama em educação, ciência e arte.

Tendo a obra de arte contemporânea como fonte da pesquisa nessa interface com a ciência e a biologia fui elaborando, aos poucos, propostas **metodológicas** de aproximação, perpassando conceitos teóricos de fundamentação.

⁸ www.amplianarede.com.br

Comecei tateando

Não sabia muito bem o rumo que daria para a escrita narrativa e não prestava muito atenção nas etapas que estava desenvolvendo para que a narrativa tomasse corpo a partir da obra.

No início, me sentia provocada a elaborar narrativas de obras sem considerar se era um artista homem ou mulher, mas quanto mais fui me aprofundando na temática das ecologias, clima, feminismos e antropoceno, mais crescia o meu interesse pelas artistas mulheres. Estudei artistas de diferentes países, mas fui afunilando, afunilando, e atualmente tenho me dedicado à pesquisa das obras produzidas por mulheres artistas brasileiras e sul-americanas.

Um dia, um colega me convidou para uma palestra, para que eu pudesse conversar com estudantes da pós em arquitetura sobre o que estava pesquisando. Empolgada, disse sim. E construí para mim mesma um desafio imenso de dar forma aquilo que estava fazendo despretensiosamente. Sentei em frente ao computador e fui apontando em slides, o passo a passo da pesquisa.

Primeiramente, escolho uma obra⁹ que me chama a atenção, em uma galeria, num museu ou em páginas e redes sociais de artistas. E fico reparando no todo, em apreciação vagarosa do que

⁹ Exemplifico o percurso metodológico a partir da obra “Comfio” da artista Mariana Vilela. As fotografias e conteúdo foram autorizados pela artista para essa publicação. Para maiores informações e créditos, sugiro acessar: www.marianavilela.com e [@marianavilela.art](https://www.instagram.com/marianavilela.art)

está a minha frente, sem me preocupar com o tempo que essa aproximação pode levar.



Após a contemplação inicial, elaboro questionamentos acerca da obra:

Como a obra me atravessa?

Quais questões ela me convoca?

Quais detalhes eu ainda não vi?

Com quais conceitos do que leio/vivo a obra dialoga?

E com essas perguntas em mente, vou registrando palavras inspiradoras a partir da obra, tendo-a como fonte da experiência textual.

*mulher eucalipto fotossíntese coluna vertebral
vida luz co-dependência sol clorofila vegetais
respiração corpo transformação força morte
natureza monocultura feminismo crise destruição
exploração planeta solidão alteridade não-
humanos catástrofe comuns resistência
pensamento paisagem movimento rede escuta
vertebrado impotência sustentação porosidade*

Após essa anotação, construo um texto de campo. Uso uma grafia diferente para ressaltar as palavras inspiradoras na elaboração da narrativa.

Trinta e três vértebras de uma COLUNA projetada extra pele. Fios de tecido orgânico iluminados pela energia solar em *PROCESSOS FOTOSINTÉTICOS* de manutenção da VIDA em exposição à fragilidade das condições ambientais atuais no ANтропоCENO. CORPO-MULHER em CO-DEPENDÊNCIA VEGETAL. Uma convocação a nos envolvermos em questionamentos acerca dos modos contemporâneos de produção e consumo que não sustentam a existência de todos os seres. A MORTE de muitos para sustentar a VIDA de outros. Floresta de uma MONOCULTURA de EUCALIPTOS exóticos enxertados em território biodiverso. Provocações sobre a escala planetária e as dimensões políticas e econômicas que alavancam a CRISE ecológica a dramáticos patamares de DESTRUIÇÃO. Envolver-se no irreparável, de forma solitária, em espera por mudanças de hábitos, de gente, de pensamentos, de sentidos. Será possível nos entrelaçarmos aos NÃO-HUMANOS em recomposição das práxis humanas no que concerne à produção de subjetividades em novas referências de lideranças em ALTERIDADE? Embrenhar-se no entre, no meio, em camadas vegetais que sobrepõem uma mistura de existências que sustentam a VIDA. Fazer-se REDE do TRABALHO produtivo no mundo em conexão com o inesperado. Estar POROSA aos encontros.

Com o texto de campo elaborado, vou em busca de informações sobre a obra, a artista e sua produção. Investigo curiosamente a proposta da obra quando está disponível nas fontes de consulta, vejo a trajetória profissional e o portfólio. E entro em contato solicitando autorização para o uso da imagem em materiais educativos e publicações acadêmicas. Perante o aceite, elaboro o texto de pesquisa.

O texto de pesquisa é um adensamento teórico do texto de campo, elaborado de forma dialógica com as autoras e os autores que tenho estudado e

feito alianças¹⁰ que me provocam a pensar a arte, o ecofeminismo e as graves consequências desse contemporâneo que temos vivido.

Assim que finalizo o texto e escolho a imagem que gostaria de veicular, entro novamente em contato com a artista para apresentar a narrativa e poder incluí-la, de forma respeitosa, nas produções acadêmicas.

E dessa forma tenho produzido a pesquisa a partir do que me move.

São camadas e camadas de experiências, vivências, estudos e encontros nesses tantos anos de docência universitária para chegar a esse delineamento.

Dez parágrafos para descrever esse percurso metodológico e duas décadas para conseguir ter a clareza questionada na banca da minha orientanda.

¹⁰ Ailton Krenak, Anna Tsing, Bakhtin, bell hooks, Bruno Latour, Débora Diniz, Déborah Danowski, Deleuze, Donna Haraway, Emanuele Coccia, Eduardo Viveiro de Castro, Guattari, Ivone Gebara, Isabelle Stengers, Maria Bellacasa e Timothy Morton.

Levei uma vida para definir
uma metodologia

Ao longo de uma vida, fui me constituindo professora tendo a arte amalgamada à minha pesquisa. Somente após vinte anos como pesquisadora no campo da educação consigo perceber um fazer metodológico que delinea o que tenho realizado nas investigações por entre as conexões da ciência com a arte contemporânea. Nesse caminhar, permeado por tantas pessoas, parcerias, projetos, belezas e medos, encontrei brechas para fazer da pesquisa aquilo que sou.